

**UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação  
Campus de Bauru**

**CAMILA PADILHA TRINDADE**

**A MULHER E A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉCULO XX:  
A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA FOLHA DA NOITE DE  
1921 ATÉ 1925**

**BAURU, SÃO PAULO  
2017**

CAMILA PADILHA TRINDADE

**A MULHER E A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉXULO XX:  
A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA FOLHA DA NOITE DE  
1921 ATÉ 1925**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

BAURU, SÃO PAULO  
2017

CAMILA PADILHA TRINDADE

**A MULHER E A IMPRENSA NO INÍCIO DO SÉCULO XX:  
A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES NA FOLHA DA NOITE DE 1921 ATÉ  
1925**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Célio José Losnak – Orientador  
FAAC/UNESP – Bauru-SP

---

Profa. Dra. Angela Maria Grossi de Carvalho  
FAAC/UNESP – Bauru-SP

---

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente  
FAAC/UNESP – Bauru-SP

*Ao meu avô, por ter me ensinado a ser uma pessoa melhor.*

## **AGRADECIMENTOS**

Pela paciência, compreensão e confiança a respeito de todas as minhas escolhas e, especialmente, durante esses quatro anos morando longe de casa, quero agradecer em primeiro lugar minha mãe (Elisângela), meu pai (Sérgio) e minhas irmãs (Clara e Luiza). Obrigada por estarem sempre presentes dos momentos mais difíceis aos mais gratificantes, ampararem-me em instantes de ansiedade e dúvida, e estarem sempre presentes – mesmo que distantes fisicamente. Vocês, sem dúvida, são parte importante de tudo isso.

Agradeço também toda a minha família, que também é responsável por tudo que conquistei até hoje. Ao Gustavo, por sempre me amparar e me ajudar a enfrentar meus medos, ouvir minhas queixas e, ainda assim, permanecer comigo.

Aos professores do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Obrigada pelo exemplo de caráter e profissionalismo, pelo conhecimento transmitido e pelo incentivo de profissionalismo – tanto acadêmico quanto jornalístico.

Ao Professor Doutor Célio José Losnak, pela companhia desde os primeiros anos de curso. Pela paciência, pelo aprendizado, pelos comentários perspicazes e construtivos no qual, sem eles, esta pesquisa – e aluna – muito provavelmente não estariam aqui. Sobretudo, agradeço pelo orientador que foi, por me encorajar a realizar o melhor de mim, sempre com muita confiança.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro enquanto bolsista do projeto de pesquisa que originou esta monografia. Especialmente, pelo reconhecimento a uma pesquisa dentro da área, tantas vezes desvalorizada, das Ciências Humanas.

*“Querer ser livre é também querer livres os outros.”  
(Simone de Beauvoir)*

## **RESUMO**

Esta monografia realiza um estudo sobre o conteúdo jornalístico da *Folha da Noite*, de São Paulo, com foco na imagem da mulher retratada pela mesma, entre os anos de 1921 a 1925. A proposta se apoiou na leitura e análise histórica das edições do periódico, disponíveis em acervo online e gratuito, a fim de assinalar questões sobre a mulher e os padrões femininos assumidos na *Folha da Noite*, em notícias, textos opinativos, anúncios e imagens. O objetivo é identificar os padrões femininos da época presentes no jornal e o seu perfil de veículo enquanto transmissor de tendências jornalísticas e socioculturais do período.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Folha da Noite. Mulher. História. Imprensa. Jornalismo.

## **ABSTRACT**

This research proposes to study the journalistic content of the *Folha da Noite* newspaper with the focus on to understand how woman is portrayed, between 1921 and 1925. The proposition is based on reading and historic analysis of the periodic in order to mark issues about women and females patterns transmitted by *Folha da Noite*, in their advertisements, use of images, professionals, graphic aspects, expression of the feminine world trends as fashion and beauty. The purpose is to identify the females patterns of the time being in the newspaper together with their transmitter profile journalistic and socio-cultural trends.

## **KEY-WORDS:**

Folha da Noite. Woman. History. Press. Journalism.

## SUMÁRIO

1. Introdução .....	9
2. Gênero .....	12
3. A mulher nos anos 1920.....	16
4. Abordagem da imprensa brasileira sobre a mulher nos anos 1920 .....	20
5. A imprensa no Brasil .....	25
6. A Folha da Noite.....	29
7. Teorias do Jornalismo .....	33
8. Análise.....	38
8.1 A Representação da Mulher na Folha da Noite .....	38
8.2 Figurinos .....	42
8.3 A beleza feminina .....	44
8.4 A Rainha do lar .....	53
8.5 Feminismo e Movimentos Políticos .....	58
8.6 Violência Doméstica .....	61
8.7 Conceitos de Masculinidade .....	65
8.8 Vida Artística.....	68
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
REFERÊNCIAS.....	73



# 1 INTRODUÇÃO

Estudar o desenvolvimento do homem e da humanidade inclui, decerto, a discussão sobre as relações de gênero e suas variações ao longo da história. Os papéis incumbidos socialmente a homens e mulheres, desde os primórdios das civilizações, apontam e refletem questões a respeito de nossa identidade cultural, nossas tradições, nossas origens – e que convergem em inúmeras generalizações simplistas sobre o tema.

Não à toa, as últimas décadas do século passado apresentaram uma crescente tendência de estudos relacionados à temática feminina. E ela que, portanto, é recente dentro da área acadêmica e que ainda não apresenta definições tão concretas e acabadas. Adentrar nesse campo é, muitas vezes, nadar num mar de incertezas e controvérsias – e ter em mente a certeza de desconstruir muito mais do que construir.

Os estudos e debates feministas estão, ainda hoje, em constante aprimoramento. As ligações e decorrências teóricas – como em relação ao conceito de gênero, especialmente – são incansavelmente estudadas e revisadas e, por isso, cada trabalho ajuda a tecer uma visão mais ampla desse cenário que, a cada dia, torna-se mais esclarecedor. Ao mesmo tempo, num simbolismo bastante íntegro, os estudos sobre a mídia – em seus mais diversos panoramas – ajudam a entender a produção e influência cultural a que estamos expostos e que também fazemos parte – e que tanto se associam com as indagações e problematizações a respeito das relações de gênero.

Sendo assim, esta monografia se propõe a pesquisar e levantar questões sobre a representação do feminino realizada pelo vespertino *Folha da Noite* durante o período de 1921 até 1925, analisando as articulações entre a produção impressa, a sociedade da época e as discussões sobre cultura, gênero e sexualidade. A pesquisa se apoiou, sobretudo, na análise dos conteúdos do jornal – seus recursos gráficos, colunas, sessões, anúncios, fotografia, estilo de texto jornalístico (opinativo, descritivo, informativo), etc – que fizessem referência à imagem e realidade da mulher. Ou seja, a intenção foi de examinar o vespertino enquanto veículo de informação que reflete e influencia o pensamento da sociedade da época e, ao mesmo tempo, que é

resultante de demandas sociais, políticas e culturais.

A escolha do jornal *Folha da Noite* como *corpus* desta pesquisa se justifica, principalmente, em sua importância dentro da História da Imprensa brasileira, visto que foi o jornal que deu origem a um dos grandes veículos de até hoje no país – a *Folha de S. Paulo*. Além disso, à facilidade de acesso ao mesmo, que disponibiliza seu acervo online e gratuitamente, favorecendo uma pesquisa mais abrangente, muito embora, porém, torna-se válido ressaltar que algumas edições dentro do período pesquisado tinham problemas em suas digitalizações, encontrando-se ilegíveis, com borrões, ou, simplesmente, indisponíveis no site – edições que, sendo assim, foram desconsideradas.

Em análise preliminar a respeito do tema, pode-se verificar como o jornal transmitia, de fato, uma visão social sobre o universo feminino – as expectativas sociais sobre atuação da mulher. Independentemente do seguimento tratado a respeito do universo feminino, porém, a mulher que tivesse contato com o jornal e com seu conteúdo presenciaria nele uma série de textos com certo teor educativo, informando-lhe não só o que a sociedade esperava, mas o que deveria fazer para ser bem vista e, muitas vezes, realmente feliz.

Como justificativa desta pesquisa, pode-se citar a constante movimentação dentro dos estudos que se relacionam com o tema da mulher e das relações de gênero – sua incessante busca por definições e elaboração de uma teoria que dê conta da diversidade a que estes estudos estão submetidos – assim como a importância e influência dos veículos de informação no país e as pesquisas a respeito dessa relação com a sociedade na qual está inserido. Isto é, desvelar a respeito da relação entre as relações de gênero, a mulher e a sociedade de determinada época em associação com um veículo de informação viabiliza a reconstituição de uma fração dentro da História da Imprensa e do Jornalismo no Brasil, além de poder proporcionar maior entendimento a respeito do tema e seus impactos em nosso cotidiano.

O período escolhido, entre 1921 e 1925, tem como justificativa a própria trajetória do jornal *Folha da Noite* – que foi inaugurado, justamente, em 19 de fevereiro de 1921. Ou seja, o recorte trata-se dos primeiros cinco anos de publicação do vespertino. Período que, além disso, está localizado entre as duas Guerras Mundiais – o que tem grande influência na organização e

andamento das dinâmicas sociais daquele tempo. Cabe ressaltar, também, que estes estudos foram produzidos pela estudante durante sua pesquisa de Iniciação Científica, também sob orientação do Professor Doutor Célio José Losnak, e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), entre 2015 e 2016.

A História da Imprensa foi o principal referencial para a realização desta pesquisa que, como coloca Barbosa (2007), trata-se de um processo de construção. “É perceber a história como processo complexo, no qual estão engendradas relações sociais, culturais, falas e não ditos” (BARBOSA, 2007, p. 15). Através dela foi possível investigar o contexto do jornalismo e da sociedade entre os anos de 1921 e 1925 – as mudanças, a realidade social, a estrutura da produção editorial do jornal e a repercussão na cobertura jornalística a respeito da mulher.

Para tanto, esta monografia explora, primeiramente, o conceito de gênero e sua relevância no debate que faremos, a seguir, sobre a exploração do universo feminino especialmente nos anos 1920. Então, ligando o tema ao recorte escolhido, analisaremos a abordagem da imprensa a respeito da mulher no período que, conseqüentemente, nos introduz à contextualização histórica e, mais especificamente, da mídia impressa da época. Aprofundando ainda mais e interligando os pontos principais do estudo, a discussão a respeito da trajetória do corpus desta pesquisa, a *Folha da Noite*.

É válido ressaltar, considerando que nosso recorte trata dos próprios primeiros cinco anos do veículo, que, diferentemente de outros estudos, a nossa pesquisa não traz exatamente um quadro comparativo entre um “antes” e um “depois” do jornal. Nossa análise se estrutura na contextualização histórica tanto da imprensa quanto das relações de gênero na época e a tentativa de identificação de tais realidades nas páginas do vespertino – considerando seus aspectos gráficos e editoriais. Por fim, então, trataremos a respeito das teorias da notícia - estabelecendo a ligação entre o fazer jornalístico e sua relação para com a sociedade enquanto símbolo de cultura.

## 2 Gênero

Com a discussão a respeito das mudanças envolvendo o papel social das mulheres, um ponto torna-se necessário analisar - não só para nossa discussão, mas também para aquelas que se iniciaram durante o século XX – a fim de poder preencher uma lacuna que se manteve durante muito tempo mas que se fez fundamental para a emancipação da mulher na sociedade: a questão do gênero.

Assim como já dito e como comenta Dias (1992), adentrar no campo de estudos das mulheres em sociedade significa trabalhar num meio cheio de incertezas. Isso porque, segundo a historiadora, “as potencialidades dos estudos feministas confrontam-se pois com um dilema básico, que diz respeito a sua própria viabilidade” (DIAS, 1992, p. 39) visto que o tema, que surge como um sintoma das crises nas relações de gênero, é “abrangente demais e impossível de ser definidos em termos precisos” (DIAS, 1992, p. 39).

Os estudos feministas constituem um modo de conhecer predeterminado por um sistema de dominação cultural arraigado, no que diz respeito às amarras ideológicas e, ao mesmo tempo, dizem respeito a mulheres que, como seres humanos, são também e a despeito dos condicionamentos culturais agentes de si mesmas. Vale dizer que o tema das mulheres enquanto objeto do conhecimento partilha com as Ciências Humanas as incertezas inerentes ao próprio processo do conhecimento (DIAS, 1992, p.40).

O termo “gênero”, segundo Scott (1995), apareceu inicialmente com as feministas americanas, que desejavam apontar para o fato de que as discriminações baseadas no sexo possuíam um caráter social, além de biológico. Essa concepção foi a primeira forma de incitar uma nova visão sobre a história da humanidade, onde as novas pesquisadoras – e feministas – procuraram alargar o que se tinha como historicamente importante e, dessa forma, incluir novos ângulos e novas visões ao que se tinha como certo.

Grossi (s/d) aponta que esses estudos envolvendo gênero surgiram em meados da década de 1970, antecipados por lutas de caráter libertário, promovidas e influenciadas por movimentos sociais nos anos 1960. Essas movimentações incluíam questionamentos variados e a problemática de gênero

surge justamente quando as mulheres que delas participavam perceberam o pouco espaço que tinham dentro das lutas – elas quase sempre ocupavam papéis secundários e “cabia-lhes, em geral, o papel de secretárias e de ajudantes de tarefas consideradas menos nobres, como fazer faixas ou panfletar” (GROSSI, s/d, p.2).

Além da influência das lutas sociais, a sexualidade passa a ser constantemente questionada durante os anos de 1960, principalmente com a comercialização da pílula anticoncepcional, a contestação da virgindade como importante valor para o casamento, o sexo como fonte de prazer e não só como sinônimo de reprodução, etc. Grossi (s/d) ressalta, inclusive, a importância da existência do movimento feminista e do movimento gay da época para o surgimento dos estudos culturais.

Entre os anos 1970 e 1980, os primeiros estudos sobre gênero problematizaram a condição feminina na sociedade e acreditava-se que somente as próprias mulheres deveriam e poderiam pensar, refletir, pesquisar e debater sobre tal questão. Com isso, a ausência dos homens era vista como sinônimo de garantia às mulheres. No Brasil, esse início focou na opressão sobre as mulheres que viviam nas sociedades patriarcais (GROSSI s/d).

Constituir a definição de gênero a um campo de estudo teórico, então, é uma das consequências importantes dentro desses debates. Pedro&Sohiet (2007) ressaltam a importância de conquistar a legitimidade desses estudos. Scott (1995) aponta que não foi suficiente provar que as mulheres possuíam uma história, já que “a reação da maioria dos/as historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida, o seu confinamento ou rejeição a um domínio separado” (SCOTT, 1995, p. 74).

Segundo Grossi (s/d), com o início dos anos de 1980, há uma transição sobre o foco desses estudos, dirigindo-se a eles como estudos sobre a mulher. Essa nova posição levava em consideração as diferentes faces das mulheres, condições e situações a serem estudadas – região, faixa etária, classe social, *ethos*, etc. Contudo, a ideia de unidade biológica das mulheres continuava predominante – isso significava que as mulheres, independente das inúmeras diferenças, se reconheciam morfológicamente (possuir seios, vagina, útero, etc) – e acabou por influenciar, também, na decorrência dos estudos. Os esforços da história social foram importantes nessas conquistas do campo

teórico sobre gênero, já que tiveram a preocupação com as varias identidades culturais advindas de inúmeros grupos sociais que, até então, não eram considerados pela história. Esse novo direcionamento aumentou a perspectiva dos estudos e chegou até as mulheres, vistas, a partir de então, como objeto e sujeito da história. Tais estudos se centralizaram numa análise que se preocupa em realizar uma abordagem mais sutil, fundamentada na “apreensão de vivências” (PEDRO; SOIHET, 2007).

O primeiro passo para se chegar ao significado de gênero, então, foi a desconstrução da ideia de história possuindo um sujeito humano universal. A “história das mulheres” trazia a figura da mulher em cena e desestabilizou o que se tinha como “verdadeiro” dentro da disciplina. Com ajuda do movimento feminista que vinha crescendo consideravelmente, formou-se uma identidade coletiva que colocava as mulheres numa única classe, como algo homogêneo. Depois disso, e conhecendo melhor seus objetos de estudos, outras identidades foram assumidas e percebeu-se, então, que apesar de um grupo, ele não era homogêneo por revelar especificidades de classe e etnia/raça, por exemplo (GROSSI, s/d).

Assim como constata Grossi (s/d), Heilborn (1994) e, especialmente, Scott (1995), o significado de gênero sugere, além da relação com o termo “mulheres”, toda a construção social que envolve o sexo, ou seja, assume que os sujeitos estão em interação – relações sociais. Conseqüentemente, gênero sugere não só o estudo de um universo das mulheres mas também o universo dos homens, já que não são vistos mais como esferas separadas.

Segundo Sorj (1992), esses estudos envolvem duas dimensões, que contribuem a unificação dos mesmos num argumento central. A primeira dimensão compreende a ideia de que o equipamento biológico sexual, por si só, não é capaz de explicar a variação do comportamento feminino e masculino presenciado em nossa sociedade. A segunda diz respeito ao poder, que é distribuído de forma desigual e que confina as mulheres a uma posição subalterna. “Diferentemente do sexo, o gênero é um produto social aprendido, representado, institucionalizado e transmitido ao longo das gerações” (SORJ, 1992, p. 15).

Esta concepção também revela certa aproximação da teoria feminista com o marxismo. A relação que se faz dá-se no sentido de que, enquanto o

marxismo se baseia desenrola na discussão sobre a luta de classe, a teoria feminista traz a opressão da mulher para o centro de suas discussões (SORJ, 1992). Pensamento compartilhado por Saffioti (1992), ressaltando que “as relações de gênero travam-se também no terreno do poder, onde têm lugar a exploração dos subordinados e dominação dos explorados” (SAFFIOTI, 1992, p. 185).

Somado a essa ideia, o conceito de gênero, segundo Heilborn (1994), tem por trás a ideia de “arbitrariedade cultural” – o que significa dizer que não está sujeito a uma dimensão unitária, que se faz instável em vista da variedade de comportamentos e noções pertencentes aos sexos em relação à realidade coletiva a que estão inseridos.

Outro aspecto da problemática que envolve gênero é a questão da identidade, que “remete à constituição do sentimento individual de identidade” (GROSSI, s/d, p. 8). A identidade, então, tem relação com concepções construídas socialmente sobre o que consideramos como masculino ou feminino. Essa questão é, em grande parte, discutida pelos movimentos feministas que, segundo Scott (1995), tentam reivindicar um campo de definição e conseguir expor as desigualdades entre homens e mulheres. Butler (2003) resume este aspecto da identidade dentro da teoria feminista levando em conta ideais de representação e política.

Ainda dentro da definição de gênero, Scott (1995) a separa em duas partes: gênero como parte das relações sociais identificadas na diferença entre os sexos e gênero como a primeira forma de significado das relações de poder. Scott atenta para o fato de que o uso do gênero não se restringe apenas ao sistema de parentesco, mas também inclui o mercado de trabalho, a educação e o sistema político. Sendo assim, gênero se torna uma categoria de análise das várias formas de interação humana.

Essas discussões nos dão dimensão do quanto se fez e se faz importante a evolução dos estudos sobre gênero isso porque falar sobre gênero está muito além de discutir apenas questões sobre sexo e considerações biológicas. A discussão sobre gênero envolve questões políticas e culturais, de representação e identificação, em perspectivas maiores e menores, mesmo dentro de grandes grupos. O que se torna essencial dentro das discussões envolvendo o papel da imprensa e a representação que os

mesmos fazem sobre a mulher.

### 3 A mulher nos anos 1920

Como parte das discussões que envolvem o choque de valores que marcaram o século XX e considerando a própria proposta de pesquisa, o tema da mulher e o universo feminino surgem como um tema importante nos estudos do início do século XX tendo em vista, inclusive, as instituições estabelecidas socialmente como a família e a economia – que influenciaram, mas que também sofreram com as transformações do período.

A temática feminina - e os questionamentos que dela surgem - aparece especialmente na relação com o quesito beleza e toda a transformação do que era ser uma “mulher bonita” nos anos 1920; o papel social da mulher dentro do espaço privado, a rainha do lar; e a tendência de ocupação do espaço público pelas mulheres.

Incorporado a estes tópicos, temos a imprensa como forma de representação dessa realidade (muitas vezes, contraditória) que se reproduz inclusive nas edições analisadas da *Folha da Noite*, ora transmitindo antigos valores ora se colocando à frente deles e incorporando novas concepções. Como posiciona Campos (2009), o jornal admite uma postura pedagógica, não só de persuasão e formação de opinião, mas de representação do leitor e da realidade em seus textos.

O embelezamento, até hoje, rende questionamentos e polêmicas que cercam, especialmente, o público feminino. Mesmo assim, ao longo do tempo, ele se concretizou em diferentes formas e modos de idealização. O que, sobretudo, tem continuidade nos discursos é a aversão à “mulher feia” (SANT’ANNA, 1995).

A trajetória desses valores que envolvem a beleza da mulher pode ser analisada a partir de algumas esferas de consolidação – o discurso médico com regras de elegância e higiene; a comercialização de produtos e métodos de beleza; a veiculação de imagens e o discurso da imprensa são alguns exemplos dos instrumentos usados para enfeitiçar o público feminino.

Nas primeiras décadas do século XX, segundo Sant’Anna (1995), a publicidade direciona seu discurso para a tentativa de combater falhas na



aparência sofridas pelas mulheres. Isto se efetiva na divulgação de pomadas, por exemplo, que prometiam inúmeras utilidades como remover manchas da pele, pelos, rugas, etc – o que liga, de certa forma, a beleza à saúde e, conseqüentemente, ao discurso médico. Esse julgamento, que tem como ponto central o parecer médico, é explicado pela própria relação que a sociedade da época estabeleceu com a figura desses profissionais, inclusive no controle dos aspectos urbanos.

Temos, então, uma íntima relação entre saúde e beleza, em que a feiura tornava-se sinônimo de doença. Por isso, também, as prescrições médicas para remédios eram o tratamento mais comum – e não se falava ainda em “cosméticos”, como vemos atualmente (SANT’ANNA, 1995). Situação que Campos (2009, p. 149) também ressalta admitindo que “os remédios para afastar a doença eram praticamente os mesmos para afastar a feiura, e a ideia de que ser saudável era sinônimo de ser belo transformou-se na tônica dos discursos oriundos não apenas do campo médico, mas sobretudo, dele.”

Em contrapartida, os excessos com o embelezamento eram julgados ruins, sendo fruto de uma sociedade cuja visão de mundo considerava a “moderação” sinônimo de grande qualidade (CAMPOS, 2009). Esta visão também tinha, em grande parte, base no discurso religioso em que prevalecia “a convicção de que a verdadeira beleza é fornecida por Deus” (SANT’ANNA, 1995, p. 125).

O exagero nos cuidados femininos com a aparência era visto, por isso, como moralmente duvidoso. Assim sendo, era aceito apenas em situações extraordinárias - do contrário, eram segredos compartilhados entre as moças e mulheres. Além disso, os “conselhos de beleza” eram difundidos especialmente pelo sexo masculino. O que significa dizer que, na época, ser bela não significava uma forma de construção da própria mulher sobre ela mesma (SANT’ANNA, 1995).

Outro aspecto importante que ainda se fazia muito presente durante o século XX relaciona a grandiosidade feminina ao seu aparelho reprodutor (SANT’ANNA 1995) - o que liga o conceito de beleza ao papel social da mulher enquanto mãe e aponta, conseqüentemente, para o aspecto frágil e delicado que elas devem manter e transparecer.

Logo, entramos em outro item que envolve o questionamento sobre a

mulher em todo o decorrer século XX: o seu papel social. A mulher, no início do período estudado, ainda era ensinada a voltar-se ao ambiente do lar - o que fazia parte do modelo de família difundido pela sociedade da época, com a “idealização de esposas afetivas, sadias, belas, instruídas e castas, companheiras perfeitas para um marido também idealizado, laborioso, esforçado, portador de hábitos regrados, enfim” (CAMPOS, 2009, p. 90).

A carreira doméstica deveria ser a principal perspectiva das mulheres no início do século XX. Essa perspectiva vai tomando novas direções, até mesmo com a aceitação da mulher em certas profissões, mas o universo do lar de alguma forma sempre se manteve em foco. Toda sua educação e conhecimentos adquiridos deveriam auxiliá-las em serem melhores companhias aos seus maridos. À mulher, então, cabia o comando do lar, sempre se mostrando uma boa e atenta mãe, além de dona da casa e uma alegre esposa (RAGO, 1985).

O espaço privado, a casa, passa a ser visto como um ambiente importante na transmissão de valores e na formação de caráter dos filhos de um casal. “Entendia-se o universo doméstico como uma célula do estado, propulsor do progresso da humanidade, instância transmissora dos valores simbólicos ligados aos países, *locus* privilegiado onde se garantiria a pureza da espécie” (CAMPOS, 2009, p. 93).

Ou seja, à mulher estava destinado o papel fundamental para todo o desenvolvimento da nação. Este discurso, com as mudanças que a época vinha sofrendo, colocou sob a responsabilidade das mulheres os problemas sociais que apareciam e que, segundo a regra, estavam se subvertendo aos costumes (CAMPOS, 2009). O inconformismo feminino que vinha crescendo especialmente nas grandes cidades era, então, visto com receio e medo, já que a situação poderia abalar a ordem familiar, que era o grande suporte do Estado (MALUF&MOTT, 1998).

Como atenta Rago (1985) e Campos (2009), a publicidade da época – nos anúncios de remédios e alimentos, especialmente - por conta disso, explorava a figura da mãe como responsável pela saúde e desenvolvimento de seus filhos, com o auxílio, mais uma vez, do discurso médico, que chega a tirar o poder do pai que era tão explorado em épocas anteriores.

Dentro da esfera do lar, a maternidade era um dos suportes do discurso

médico que justificava essa posição com a ideia da natureza biológica feminina – explicação que tira o poder de decisão das próprias mulheres (MALUF&MOTT, 1998). O que quer dizer que a mulher já estava predestinada a ser mãe. Essa realidade, então, era amplamente difundida pelos veículos de comunicação na época.

A ideia defendida pelos médicos e rapidamente assimilada por muitas senhoras e senhoritas era de que a boa mãe estava sempre atenta à saúde dos filhos e do marido, enquanto se procurava provar, por intermédio de teses, palestras, livros, artigos de divulgação científica, e especialmente pela imprensa diária, que sentimentos como a devoção e a ternura eram constitutivas do *pathos* feminino (CAMPOS, 2009, p. 107).

Mesmo com todos os valores e discursos afirmando a mulher como a grande guardiã do lar, o início do século XX já apresenta algumas tentativas de modificação dessas estruturas sociais estabelecidas. Essas reações começaram a aparecer especialmente com o fim da Primeira Guerra e, como ressalta Campos (2009), com o crescimento da industrialização que propiciou um cenário com novas demandas sociais e postos de trabalhos. Campos (2009) também destaca a globalização da comunicação, sobretudo o jornal diário, que propunha mais agilidade na representação dos acontecimentos e que, de certa forma, espelhava princípios tanto inovadores como conservadores – o que podemos ver, em grande medida, nas edições analisadas da *Folha da Noite*.

A mulher passa a ocupar, então, o espaço público – situação que resulta, especialmente, na existência de mulheres no mercado de trabalho. Essa nova realidade pôde ser percebida tanto nas classes mais baixas, com a mulher operária (RAGO, 1985) quanto nas classes mais altas, com as novas profissões urbanas que se efetivaram como essencialmente femininas (CAMPOS, 2009).

As mulheres operárias, mesmo dentro de uma classe que se organizava contra os padrões e inconstâncias do capitalismo, também sofreram com a idealização da mulher dentro do lar. Como recorda Rago (1985), o movimento operário – que era liderado por homens – fortaleceu a ideia dominante da restrição do universo feminino ao lar e, assim, dificultou a participação de mulheres dentro dos órgãos sindicais e até mesmo no espaço de produção. “As

mulheres deveriam participar enquanto filhas, esposas ou mães, isto é, na condição de subordinadas aos líderes” (RAGO, 1985, p. 64).

No caso das novas profissões, Campos (2009) observa que estas se reservaram em exemplos como a enfermagem, a telefonia, o secretariado, a docência primária – todas, profissões que sugerem qualidades consideradas ligadas especialmente as mulheres, como paciência, docilidade, sensibilidade, etc. Esses novos empregos eram, então, vistos como a extensão pública dos papéis femininos.

Independentemente da profissão, a atividade feminina era sempre tida como secundária ao papel fundamental da mulher enquanto “rainha do lar”. O que também pode ser percebido é o fato de que a ordem, mesmo com as novas possibilidades, continuava a reproduzir a estrutura social padrão com “Os homens lógicos e empreendedores comandando, as mulheres dóceis e emotivas obedecendo, dentro ou fora de casa” (CAMPOS, 2009, p. 84).

Campos (2009) também atenta para o fato de que as propagandas, obviamente, incorporaram esses novos rumos que a sociedade começa a tomar, transpondo anúncios de escolas de datilografias para “ambos sexos” e máquinas de escrever com mulheres sorridentes e com expressão delicada – ou seja, a publicidade e os jornais mostravam as mudanças, mas sempre com a cautela de manter alguns aspectos do modelo tradicional aceito pela população.

Não à toa, diante de todo esse turbulento cenário, as questões envolvendo gênero e identidade começam a se destacar não só no Brasil, mas em grande parte dos países e sua divulgação e expansão se dá, também, por meio dos veículos de comunicação e a forma com que eles tratavam esses temas. Um cenário que merece, então, grande parte da nossa atenção na tentativa de entender o desenvolvimento e a emancipação da mulher nos textos dos jornais como a *Folha da Noite*.

#### **4 Abordagem da imprensa brasileira sobre a mulher nos anos 1920**

Assim como Campos (2009) ressalta, o final do século XIX e início do século XX simbolizam um momento de grande importância no processo de transformação dentro dos âmbitos político, econômico e social, especialmente

influenciados pelas revoluções industriais – o que, conseqüentemente, foi contemplado e refletido nas páginas dos veículos de comunicação.

A figura feminina teve seu espaço dentro dessas transformações – processo que também foi refletido, de forma gradativa, pela imprensa. Essa representação retratava, muitas vezes contraditoriamente, todo o cenário em que a mulher se encontrava nos primeiros anos do século XX – dentro do lar e, ao mesmo tempo, sua sutil emancipação no espaço público.

É também durante as primeiras décadas do século XX que ganham forças as revistas femininas, como a própria *Revista Feminina*, que existiu durante 21 anos e chegou à tiragem de 30 mil exemplares mensais, com comercialização em todo o país (LOBATO, 2013). Esse fortalecimento do seguimento e seu aparecimento na imprensa se emparelham à tendência de especialização que começa a cercar os veículos de comunicação a partir dos anos 1920, “com o surgimento das seções de esporte, literatura e cinema, por exemplo, e até de alguns veículos que tratavam especificamente destes temas” (LOBATO, 2013, p. 7).

De forma geral, os textos dirigidos à mulher pouco se aproximavam dos textos vistos na imprensa diária, em que a busca por se noticiar a atualidade e a rapidez dos acontecimentos era o principal foco. Buitoni (1981), num estudo sobre a imprensa feminina, ressalta a importância desses conteúdos voltados ao público feminino - como as receitas, dicas de moda, conselhos - que, geralmente, são vistos como neutros e incapazes de sugerir algo efetivo à realidade feminina. Essa importância é realçada pelo próprio fato de, como dito, existir certo desprezo pela atualidade nos assuntos direcionados a este público, fato que simbolicamente gera a desvinculação da mulher ao seu contexto real – fora do espaço privado do lar. Além disso, os conteúdos voltados à figura feminina também realçavam um imaginário, representações sobre as mulheres, os padrões e comportamentos aceitáveis.

Na verdade, trata-se da figura da “mulher” expressa no singular, porque as idealizações construídas via periódicos buscavam cristalizar a imagem feminina homogênea, compacta e transparente. Essa tentativa se traduzia numa série de escritos normalizadores sobre ideais de modo de presença da mulher, concretizados ora na moda, com seus pressupostos de refinamento estético, ora na instituição de parâmetros para a beleza, ou, ainda, na sistemática reiteração dos ideais

relacionados à maternidade, ao casamento e às profissões adequadas ao “belo sexo” (CAMPOS, 2006, p. 2).

Todas essas condições – desprezo pela atualidade, homogeneização, idealização de um papel social dentro e fora do universo doméstico – culturalmente consagradas e expressas nas linhas da imprensa feminina e até mesmo na imprensa diária do século XX colaboram para a ideia de desvinculação da mulher a sua época, situação “que a transforma num ser à parte, independente de circunstâncias concretas” (BUITONI, 1981, p. 24).

Assim como Buitoni (1981) analisa, os temas recorrentes sobre a representação da mulher na imprensa diária e na imprensa feminina se resumem, basicamente, a moda, beleza, comportamento, decoração, etc. Essa tendência se justifica pelo próprio caráter iluminista da imprensa – que procurava mudar o modo de pensar dos homens e que, dessa forma, explorava a educação feminina, retendo-a a um espaço de atuação dentro do lar (CARVALHO, 1995) e “sempre seguindo o rumo traçado pelo homem, que a imaginava responsável pela educação da prole e esposa exemplar, exercendo as suas funções, mas sempre por um prisma de submissão” (CARVALHO, 1995, p. 1).

É importante destacar que, especialmente a imprensa feminina tinha seu público concentrado nas classes sociais mais altas – até pelo próprio hábito de leitura, que não era assíduo das classes mais baixas. Ou seja, as publicações femininas se dirigiam principalmente às mulheres da camada social mais abastada (CARVALHO, 1995). O resultado disso pode ser constatado no perfil das revistas femininas que mantinham a função de, em certa medida, informar a mulher sobre assuntos femininos (como já citados) e também de dar espaço aos “interesses dos intelectuais que buscavam novos espaços de expressão” (CARVALHO, 1995, p. 5).

A publicação desejada pela mulher era aquela que, além de representar o seu grupo social, permitia o acesso à informação sobre assuntos que ajudassem a convivência nesse novo espaço social. O que a diferenciava das demais revistas era a abordagem essencialmente feminina, pouco politizada, enfatizando a preocupação com a família e trazendo as discussões da esfera pública para a esfera privada, onde eram dadas as soluções (CARVALHO, 1995, p. 6).

A já citada *Revista Feminina*, inclusive, trazia espaços para as dicas e conselhos da vida doméstica, mas também contava com seções voltadas para poemas e artigos e até mesmo uma seção chamada “Vida Feminina”, que trazia notícias relacionadas à luta das mulheres no mundo – tudo, porém, guiado pela cautela em, mesmo quando defendendo certas conquistas, condenando atitudes indelicadas e agressivas das *sufragettes* inglesas (KAZ, 2002). “O tom predominante, carregado de preconceitos, baseava-se numa ótica masculina do papel da mulher. Muitos textos assinados com nomes femininos eram, na verdade, escritos por homem” (KAZ, 2002, p. 8).

A imprensa diária também teve sua participação no que diz respeito à representação das mulheres. Com a tendência de setorização dos assuntos abordados no jornal, outros veículos como a própria Folha começam a dar espaço ao público feminino – espaço que se assemelha, em grande medida, na linguagem e concepção das revistas femininas.

A seção “Figurinos”, da *Folha da Noite*, que será tratada ainda nesta monografia, garantiu um espaço dentro de um jornal diário para temas e discussões envolvendo a mulher – especialmente a paulista, e de classe média/alta. Assim como discutido para a imprensa feminina, também assumia uma ótica masculina sobre os conteúdos abordados, porém sempre com a tentativa de proximidade às leitoras e de aproximação de toda a realidade com o universo do lar.

Essa tendência não se restringiu apenas à imprensa na capital paulista. Pelo interior do estado de São Paulo, a mulher também começa a ganhar destaque nas páginas dos jornais das cidades interioranas. Campos (2009) faz um estudo sobre os principais veículos da Araraquarense e identifica os principais aspectos sobre o universo feminino repercutidos nas páginas da imprensa diária da região.

Uma das questões abordadas por esses meios de comunicação trata da emancipação da mulher no espaço público ao longo dos anos 1920 e 1930. Citando uma das vozes supostamente femininas que escrevia nos impressos da Araraquarense, Mlle. Cinema, Campos (2009) atenta para o fato que as profissões aceitas para serem conduzidas por mulheres tinham como principal fator a sua aproximação como a figura de mãe, como se tais ocupações –

docência, secretariado, enfermagem, costura – fossem “extensões públicas” do papel social da mulher. As propagandas também exploravam este cenário, como indica Campos (2009) – ressaltando, sempre, toda a docilidade e delicadeza feminina.

A imagem da dócil e embevecida secretária diante da máquina de escrever Olivetti aponta para os desafios urbanos que passaram a contemplar parcelas cada vez mais significativas do sexo feminino, como a possibilidade de receber salário, mesmo que fosse um rendimento menor do que o recebido pelos homens; de trabalhar fora, de estudar, de circular com relativa liberdade pelas ruas das cidades – de ter a própria existência medida pelo tempo da produção capitalista, aqui personificado no relógio de pulso (CAMPOS, 2009, p. 84).

A relação mulher e trabalho crescia, porém os textos e propagandas também rememoravam sempre a condição fundamental da mulher na sociedade: a rainha do lar. O universo doméstico sempre saltava nos conteúdos voltados ao público feminino e, em contrapartida ao processo de emancipação, os jornais começam a responsabilizar a mulher pelo andamento e manutenção da família nuclear, da educação e sucesso dos filhos, do bem-estar do marido – isso devido ao fato de que, entre as décadas de 1920 e 1930, “entendia-se o universo doméstico como célula do estado, propulsor do progresso da humanidade, instância transmissora de valores simbólicos ligados aos países” (CAMPOS, 2009, p. 93).

A moda e a beleza feminina também tinha destaque na imprensa diária. Como Campos (2009) atenta, é possível encontrar um grande número de propagandas de salões de beleza, cremes e pomadas, lojas de roupas e tecidos. À mulher, era mais que essencial saber vestir-se e comportar-se conforme os padrões divulgados. O exagero nunca era visto com bons olhos. Conhecendo e seguindo as regras difundidas, qualquer mulher poderia ter sucesso no encantamento das pessoas ao seu redor.

Enfim, como se vê, as primeiras décadas dos anos 1920 trazem características que marcarão o desenvolvimento da representação da mulher tanto na imprensa diária como na imprensa feminina. A mulher, apesar de restrita na maioria das vezes ao universo doméstico, passa a ser apreciada pelos olhos do jornalismo como ser social e como público consumidor.



## 5 A imprensa no Brasil

Diferentemente das outras colônias europeias, o Brasil foi a única colônia que não teve imprensa antes do século XIX – a atividade, inclusive, era proibida. Sodré (1999) ressalta que na zona espanhola os colonizadores se depararam com culturas já muito avançadas e complexas, por isso, utilizaram-se de recursos da sua própria cultura para tentar destruir o que encontraram e isso explica, de certa forma, o surgimento da imprensa e até de Universidades “precocemente”.

No Brasil, a difusão da imprensa é facilitada com a abertura dos portos e, em 1808, livros e até jornais e gazetas seriam contrabandeados mais facilmente. “Um Brasil civilizado não era um objetivo da Coroa. Por outro lado, não era possível mais fingir ignorância em relação aos livros, folhetos, tipografias e jovens universitários que aqui se multiplicavam” (MARTINS; PIERANTI; 2006, p.3).

Logo mais surge, então, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, que começou a circular em 1808. Esse periódico tinha o intuito de noticiar acontecimentos referentes à Coroa e, inclusive, era financiado por ela. Ou seja: a imprensa no Brasil começa, efetivamente, ligada ao Governo e financiada por ele. “Reservou a Coroa à imprensa atitude que marcaria a história do jornalismo em todos os séculos: aos amigos, tudo; aos inimigos, o combate” (MARTINS; PIERANTI, 2006, p.3).

A imprensa brasileira também inicia sua história marcada pela censura – a Coroa submetia todos os periódicos a um exame realizado por uma comissão e combatia todos os veículos de oposição que surgissem. Outro fator importante e interessante durante a análise da trajetória da imprensa no Brasil se trata de observar quem estava por trás dessa atividade – que era a classe dominante (MARTINS; PIERANTI, 2006).

Com o tombamento da monarquia e a chegada da República, algumas características da imprensa foram se transformando. Ainda assim, como afirma Sodré (1999), o Estado e sua essência, mesmo com a troca de estrutura de governo, de Império à República, pouco mudaram – a reação dos Governos diante das críticas continuava resultando em empastelamentos de jornais ao

longo dos anos.

A passagem do século XIX para o século XX traz de importante o surgimento de uma nova essência do jornalismo. A partir de então, a concepção de empresas jornalísticas passa a se difundir pelos veículos. Até o século XIX, os jornais tinham um caráter mais artesanal e traziam textos de cunho literário, pouco explorando o que hoje se tem como os pilares do jornalismo – a objetividade e a imparcialidade. Isso, em certa medida, é explicado pelo caráter artesanal que os periódicos possuíam e por, em grande parte, terem como colaboradores escritores, literários.

Nesse período de transição dos séculos, como Costa (2005) ressalta, haviam inúmeras divergências entre o jornalista e literários: o livro era visto como uma obra de arte, enquanto o jornal era apenas uma saída para que escritores pudessem “ganhar a vida” – situação que, na passagem do século, começa a transformar-se. “Mudanças econômicas, sociais, tecnológicas e demográficas permitiram a proliferação de jornais na virada do século, criando centenas de empregos” (COSTA, 2005, p. 24). Tudo isso acontecia gradativamente sendo possível encontrar, nos primeiros anos de circulação do próprio vespertino analisado, contos, crônicas e divulgações de obras literárias<sup>1</sup>.

A virada do século também traz mudanças na estrutura dos jornais – as novas tecnologias que vão surgindo e chegando no país alteram a dinâmica das produções. Segundo Barbosa (2007), em uma análise sobre a imprensa carioca, as inovações mudaram, de maneira significativa, a forma como os jornais eram produzidos, com máquinas que imprimiam muito mais exemplares por hora e até mesmo máquinas fotográficas, agora capacitando os veículos de reproduzir imagens antes apenas descritas.

Essa realidade também influencia a imagem que o fazer jornalístico passa a ter. “As tecnologias são fundamentais para a construção do jornalismo como lugar de informação neutra e atual” (BARBOSA, 2007, p. 24).

---

<sup>1</sup> Logo no primeiro mês de circulação da Folha da Noite, por exemplo, as edições de 21, 22, 23, 25 e 26 de fevereiro de 1921 traziam pequenos contos de Monteiro Lobato na primeira página do jornal. Grande parte das primeiras páginas das edições de fevereiro de 1925 também trouxe “Contos árabes” extraídos de livros da autora Malba Tahan. Nas edições de 10 de março (página 3) e 14 de março de 1921 (página 2) há um texto intitulado “Os Caipiras”, assinado por Cornélio Pires, extraído do livro “Conversas ao pé do fogo”.

O jornalismo deixa de ter um caráter unicamente social para se transformar em uma profissão que, obviamente, requer recursos para se sustentar e sobreviver. Ainda que tardiamente no Brasil, como Sodré (1999, p. 1) coloca, “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista”. Costa (2005) ainda destaca que foi durante esse processo de modernização que “conceitos como profissionalização e massificação passam a ser sinônimos” (COSTA, 2005, p. 25) e que, assim, a atividade da imprensa continua sendo vista de forma inconstante – ora com empolgação, ora com receio. O mundo literário começa, então, a se desvincular gradativamente do jornalismo, seguindo, muitas vezes, direções opostas muito embora ainda estivessem subordinados.

O movimento é circular. O desenvolvimento da imprensa é indício do aumento da população escolarizada, da expansão do mercado de bens culturais e de sua democratização no Brasil. Ele alimenta-se de uma crescente população de jovens literatos sem fortuna, que, incentivados pela valorização social da figura do escritor, vão tentar “viver de uma arte que não pode fazê-los viver” (COSTA, 2005, p. 27).

Nas primeiras décadas do século XX, o expansionismo industrial começa a ter seus efeitos, então, em todo o mundo jornalístico – na profissão, na redação, no texto. A imagem do jornalista, por exemplo, “contraposta ao literato (que sonha e que pensa a obra como unicidade e eternidade), salienta-se, valorizada” (CAPELATO, 2003, p. 144), e passa a ter como principais características a objetividade e a velocidade. O texto também se transforma, como evidencia Costa (2005): antes, se caracterizava muito mais como a crônica e os editoriais que conhecemos hoje, com seu teor opinativo. “Na história do jornalismo, o rodapé alencariano evoluiu para a crônica de Machado e Bilac, e só no início do século XX abriu espaço para a reportagem e a entrevista, até então raramente usada” (COSTA, 2005, p. 41).

Ao mesmo tempo, aos jornalistas era atribuída a condição de interpretes e formadores da opinião pública, um ideal baseado nos moldes iluministas. Para assegurar essa ideia, os periódicos se assumiram possuidores de um “poder impessoal” – o que descartava qualquer ideia de que poderia existir algum interesse particular por trás das ações da imprensa (CAPELATO, 1991). “Os representantes da imprensa definiram o *fato* como matéria-prima do

jornalismo e a objetividade como seu traço natural” (CAPELATO, 2003, p. 141).

Barbosa (2007) também ressalta o caráter dos textos que começam a aparecer principalmente nos anos 1920, que tentava transpor a realidade e agir diretamente com o público – os jornalistas buscavam transmitir sensações em seus leitores, especialmente em casos policiais, tragédias, desastres, etc. “A experiência do texto evoca interação discursiva permanente entre os veículos e seu público” (BARBOSA, 2007, p. 51).

Todas essas imagens – do jornal, do jornalista, do texto jornalístico – culminam, de certa forma, na tentativa de diminuir o espaço entre o leitor e o jornal e aumentar, em certa medida, a sensação de veracidade dos fatos. Imagem que, em contrapartida, esconde outros aspectos do fazer jornalístico como, por exemplo, os interesses econômicos e políticos do veículo (CAPELATO, 2003).

A objetividade dos fatos configura-se, em última instância, como técnica de manipulação do leitor. Ela não se faz apenas pelo conteúdo, ou seja, pela transmissão de valores a serem identificados como universais ou universalizáveis. Dá-se, também, de maneira invisível – o fato exposto não evidencia os critérios de seleção e ordenação. Na sua leitura, produz-se uma transparência de linguagem que esconde a opacidade da prática de produção do jornal e do público. Por meio da astúcia (que articula o leitor à estrutura do jornal), disseminou-se a crença de que “deu no jornal, é verdade” (CAPELATO, 2003, p. 142).

Por isso, a redação e o espaço do ambiente jornalístico também tem sua importância dentro dessa nova concepção da profissão. Com a transição do caráter artesanal para o industrial na produção dos jornais, o espaço passa a ser dividido e cada um tem seu lugar determinado. A reportagem também se divide em dois setores: a cobertura local e o serviço telegráfico. Os anos de 1920 também são marcados pela configuração das agências noticiosas configuradas em modelos norte-americanos, com a influência de grandes agências de publicidade que darão novos ares ao jornalismo brasileiro daí em diante (BARBOSA, 2007).

É dentro deste contexto, então, que nasce a *Folha da Noite*. Um vespertino que entra em cena com um caráter popular e que reflete, em suas

páginas e abordagens, os sintomas das inconstantes modificações trazidas pelo século XX.

## 6 A Folha da Noite

O início do século XX ainda é marcado por uma imprensa com valores iluministas, ideal que deriva do século XVIII e que se estrutura na ideia de que os jornalistas eram intérpretes e formadores da opinião pública. Os jornais se apoiaram nessa definição e a *Folha* nasce dentro desse contexto. Dezenove de janeiro de 1921 começa a circular nas ruas de São Paulo o jornal *Folha da Noite*, de segunda à sábado, com oito páginas por edição.

A *Folha da Noite* surge como um jornal vespertino e em seu programa editorial, presente em destaque na capa da 1ª edição, defendeu uma imagem “incoerente” e “oportunista” – comparação que pretendia demonstrar que o veículo e seus produtores não mediriam esforços para estar sempre ao lado do povo e do país. Simbolização própria da concepção de imprensa como os olhos do povo e sinônimo da verdade.

Essa postura não era única da *Folha*. Assim como Capelato (1980) relata em sua pesquisa sobre o jornal *O Estado de S. Paulo*, a *Folha* também assume seu lugar na imprensa como instrumento de manipulação, de intervenção. “Nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como um mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere” (CAPELATO, 1980, p. XIX).

Como fundadores, o vespertino teve Olívio Olavo de Olival Costa juntamente com Pedro Cunha. Os dois idealizaram um impresso diferente dos outros: menor, mais leve, com menos artigos e com mais notícias – sem textos muito longos e com mais espaço para esportes. Os dois haviam trabalhado no *Estado de S. Paulo*. Olival Costa fora redator, enquanto Pedro Cunha havia perdido seu emprego no *Estadinho* (edição extra vespertina do *Estado* que circulou durante a Primeira Guerra Mundial e que, com o término da mesma, parou de circular). A princípio, como afirma Capelato e Mota (1981), Olival da Costa tinha a intenção de fazer da *Folha da Noite* um jornal informativo, com notícias sempre recentes – ou seja, que noticiasse o presente e que, de certa

forma, pudesse ser descartado no dia seguinte.

Os dois fundadores, sem dinheiro para investir na criação do novo jornal, resolveram recorrer à ajuda do *Estado*: pediriam emprestadas as oficinas do matutino. “Se, ao cabo de quinze dias, a aventura fosse bem-sucedida, eles saldariam a dívida de impressão; se malograsse, pagariam o débito em suaves prestações mensais” (PINTO, 2012, p. 14). O acordo fora aceito por Júlio de Mesquita que, inclusive, ele próprio escrevera o programa editorial da primeira edição da *Folha da Noite*. Contudo, os custos foram cobrados sete dias após o início da ajuda e, com isso, Pedro Cunha e Olival Costa tiveram que pagar a dívida com tudo o que os restavam – e, depois disso, decidiram que nunca mais tirariam dinheiro do próprio bolso para investirem no jornal.

Tascher (1992) ressalta o período conturbado em que a *Folha* nasceu – no plano político, econômico e social, com o domínio das oligarquias que influenciava toda a ordem nacional, e o Governo Federal sob disputas estaduais, com a política do café-com-leite. Além disso, segundo Tascher (1992), a imprensa vivia um período de “modernização tecnológica e diferenciação funcional”. Isso podia ser observado na composição do jornal e no modo como era feito - a nova dinâmica empresarial que começou a organizar as oficinas de acordo com o que chamamos hoje de redação.

A postura oportunista adotada pela *Folha da Noite* é o que abre espaço a uma lógica de mercado muito maior do que a própria força política dos donos. Taschner (1992) explica isso pelo motivo de que a preocupação do vespertino se torna, em grande medida, a sedução do leitor – em seu conteúdo, estrutura, forma, etc. Ideia que se confirma, inclusive, quando Olival Costa resolve fazer uma página feminina chamada “Figurinos”, com muitas ilustrações e que circulava toda quinta-feira. “A preocupação em interessar a diferentes tipos de leitores, expressa na tentativa de agradar ao segmento feminino, fazia aumentar o número de seções da *Folha*” (TASCHNER, 1992, p. 43).

Segundo Pinto (2012, p. 14), existiram três razões para o sucesso do jornal de Olival e Pedro: o fato de aproveitarem o espaço que o *Estadinho* deixou ao final das tardes; ter os trabalhadores urbanos como público-alvo, o que fez da *Folha* um interlocutor das reivindicações dos mesmos; a situação política de São Paulo e do país que, na época, era instável e tumultuada – o que, segundo a autora, aumentava o interesse pelo jornal.

Esses fatores garantiram, de certa forma, o êxito da *Folha da Noite*. Porém, em 1924, duas grandes crises abalaram o jornal. Em cinco de julho, com a Revolta Tenentista em São Paulo, o então presidente - Arthur Bernardes - proibiu a circulação do *Estado* e, com isso, prejudicou a *Folha*, que ainda utilizava a gráfica do matutino. Superada a crise, em novembro mais uma vez o jornal foi atingido: agora, proibido de circular por tempo indeterminado pelo governo após oposição clara que a *Folha da Noite* fazia ao mesmo (Pinto, 2012).

O vespertino voltou a circular já no início de 1925. Os dois fundadores estavam prosperando e decidiram investir em uma sede e oficinas próprias. Depois disso, lançaram um novo jornal – a *Folha da Manhã*, com textos mais sérios e sóbrios, embora com conteúdo semelhante à *Folha da Noite*.

Nesse mesmo ano, nasce o personagem Juca Pato na *Folha Noite*. Ele se tornou símbolo do jornal. Criado pelo cartunista Benedito Bastos Barreto (o “Belmonte”), Juca trazia o perfil do público do vespertino – a classe média paulistana. Seu lema era famoso: “Podia ser pior”. Capelato e Mota (1981) descrevem o personagem como “expressão de São Paulo na Primeira República”, caracterizado por contradições, inseguranças, imobilidade social, “perplexo com o mundo e mordaz com os poderosos”.

Em 1929, a situação de efervescência política no país está em seu auge e a ideia de uma Revolução começa a ser comum e muito comentada pelo Brasil a fora. A *Folha* sempre manteve uma posição de crítica aos governos federais, inclusive com o da época – do presidente Washington Luís – e até mantinham uma simpatia com a oposição que os gaúchos faziam aos mineiros e paulistas que se alternavam no poder. Porém, com o acirramento das questões políticas, as Folhas tomaram lado do governo paulista e isso se deveu, sobretudo, pelo medo de mudanças profundas na ordem do país e pela defesa dos interesses paulistas (PINTO, 2012). Nesse mesmo período, coincidentemente, Pedro Cunha deixa a sociedade. Devido a essa tomada de posição, com a Revolução de 24 de outubro de 1930 que colocou Getúlio Vargas no poder, a *Folha da Noite* foi empastelada.

Depois disso, as Folhas foram vendidas a Octaviano Alves de Lima, que era fazendeiro e que alterou o nome da empresa para Empresa Folha da Manhã Ltda. A partir daí, tanto a *Folha da Noite* quanto a *Folha da Manhã*

tomam outra direção, começando uma nova fase. Taschner (1992) resume o processo de mudança afirmando que a visão antiga do jornal, que era mais preocupado com temas urbanos, deixa de ser o foco e dá lugar à perspectiva agrarista, voltada para o desenvolvimento desse setor. E, assim, assume uma postura completamente anticomunista, antipopulista e antipopular.

O momento histórico – os anos 1920 – sem dúvida exerce sua influência durante a avaliação da *Folha da Noite* pela bolsista e, conseqüentemente, nos resultados obtidos. Com a venda da empresa e a nova organização política do país depois da Revolução de 1930, o jornal passa a ser produzido sob comando de outras visões e ideais.

Estruturalmente, a *Folha* começa a circular como um jornal compacto. Em média, com oito páginas por edição, de segunda à sábado. Com uma diagramação simples, o jornal contava com artigos, seções, colunas, crônicas, notas e reportagens. Suas últimas páginas eram destinadas à publicidade, especialmente a divulgação de peças de teatro e sessões de cinema.

A primeira página frequentemente trazia, logo abaixo do logotipo do jornal e à esquerda, um artigo de destaque quase sempre assinado. Esses artigos tratavam de questões do cotidiano especialmente ligadas à política ou economia - às vezes, também, questões de ordem social. Nos primeiros anos, o cabeçalho era uma linha simples acima do logotipo, com ano de circulação, cidade, dia, mês e ano, e o número da edição. Nas páginas seguintes, o cabeçalho continha o número da página e o nome do jornal.

Algumas seções são frequentemente vistas, como “No Mundo da Arte” (com a resenha ou notícia de algum acontecimento artístico); “A Justiça” (com a atividade dos tribunais de justiça); “Polícia do Estado”; “Prefeitura Municipal”; “Diversões” (com função parecida à outra seção sobre os acontecimentos artísticos, mas se dividindo em “Theatros”, “Circos” e “Cinemas”); “Pela Sociedade” (com aniversariantes, falecimentos, casamentos, noivados, viajantes, etc); “Seção Comercial” (com informações sobre a economia do Estado e do país); “Vida esportiva” (a maior seção do jornal, com informações sobre futebol, natação, turf e outros); “Figurinos” (seção voltada ao público feminino e circulada às quintas-feiras).

Ao longo dos anos, o jornal vai transformando sua organização e aparência. Ao fim de 1923, por exemplo, os cabeçalhos na primeira página



tomam outra forma: agora, o logotipo está acima, seguido por outras informações, além das que já estavam presentes anteriormente, destacadas entre linhas e caixas de texto, como a designação “Propriedade da Empresa ‘Folha da Noite’, Limitada”; Diretor (Olival Costa); Secretario (Antônio dos Santos Figueiredo); Gerente (Pedro Cunha); Endereço e Caixa Postal.

Os anúncios e conteúdos publicitários, entre 1921 e 1922, são modestos – se concentram especialmente nas últimas páginas do jornal e pouco exploram imagens e ilustrações. A partir de meados de 1923, essa configuração muda: alguns anúncios extrapolam as últimas páginas e começam a explorar mais decisivamente as ilustrações. A linguagem desses conteúdos também sofre transformações – as propagandas começam a se dirigir mais incisivamente ao leitor, na tentativa de convencê-lo, atraí-lo.

## **7 Teorias do Jornalismo**

Mouillaud (1997, p. 29) acredita que “o discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de dispositivo que, por sua vez, não é só uma entidade técnica, estranha ao sentido”. Pensamento que traz ao jornal uma nova perspectiva sobre sua identidade além de apenas “forma” e “conteúdo”. A transformação da escrita, que antes tinha um caráter muito mais literário, para o modelo informativo trouxe um novo ar ao trabalho jornalístico, fragmentando “o discurso da imprensa em sequências curtas e heterogêneas cuja unidade não provém mais da ordem interna do discurso, mas da ordem externa da diagramação” (MOUILLAUD, 1997, p. 32).

Traquina (2004) lembra as mudanças importantes que a história do jornalismo sofreu a partir do século XIX e que influenciam até hoje o trabalho jornalístico, como a industrialização da imprensa e a transformação em sua concepção, fornecendo fatos e não mais opiniões; a criação de uma identidade profissional e a definição de dois polos que começam a dominar o campo jornalístico – o “econômico”, que transformou a notícia em mercadoria; e o “ideológico”, com a visão do jornalismo como serviço público.

Nesse sentido, o jornalismo se transformou num território vasto e de difícil delimitação. Mesmo assim, a profissão cresceu e ajudou a construir o

mundo como conhecemos hoje – isso devido ao fato de que, ainda que diante de transformações, o campo jornalístico estabeleceu uma identidade, ou seja, uma definição sobre como deve ser um profissional – o que Traquina (2004) chama de criação de um *ethos* jornalístico.

Esse *ethos* vem acompanhado de alguns valores: a liberdade, a independência, a credibilidade, a verdade e a objetividade. Esta última, porém, sempre gerou muitas discussões, mas Traquina (2004) afirma que a objetividade não se refere apenas a dicotomia com a subjetividade. Na verdade, ela é um recurso utilizado para assegurar a credibilidade e, com isso, assume uma série de procedimentos que trabalham como uma espécie de “autenticação” do que está sendo reportado.

Dentro de todo esse contexto surgem, então, questões a cerca de teorias que tentem explicar o que são as notícias e, assim, envolvendo a realidade em que elas estão submetidas (como na teoria do espelho); as decisões do próprio jornalista (teoria do *gatekeeper*); uma cultura de organização (teoria organizacional); interesses políticos de exteriores ou dos próprios profissionais (teorias de ação política e estruturalista); narratividade (teoria construtivista) e o processo de produção (teoria interacionista).

As discussões em torno do que é o jornal, a notícia e o que faz o jornalista, portanto, assumem o jornalismo como um exercício que vai da prática à produção de conhecimento, ultrapassando os limites da simples reprodução ou, ao contrário, da manipulação. Cada uma das teorias analisa o trabalho jornalístico sob um respectivo ângulo.

Considerando a interrogação sobre o que é a notícia, Mouillaud (1997) assume a informação como uma das “figuras de visibilidade”- ela “destaca do real uma superfície”. Além disso, a informação também está relacionada com o poder e o dever, com a noção de capacidade e de autorização. “A informação é o que é possível e o que é legítimo mostrar, mas também o que devemos saber, o que está marcado para ser percebido” (MOUILLAUD, 1997, p. 38).

Traquina (2004) apresenta um debate em torno das teorias da notícia, buscando explicar o processo de produção dela e essas reflexões servem de referência para pensarmos a produção impressa da *Folha da Noite*.

Destacamos a teoria que dialoga com os fatores externos ao profissional. A teoria organizacional traz em debate a questão das normas e

políticas editoriais pelas quais o profissional está submetido. A ênfase desta teoria, segundo Traquina (2004, p. 153; grifos do autor), “está num processo de socialização organizacional em que é sublinhada a importância de uma *cultura* organizacional, e não uma *cultura profissional*.”

Existem, de fato, alguns fatores que sustentam essa “dependência”. Entre eles, a hierarquia de cargos dentro das redações, as punições (como reescrita do texto e a ausência de assinatura), as aspirações para subir de cargos, enfim, fatores que remetem a organização das redações e das empresas jornalísticas. Esse ponto de vista fica bastante claro com as declarações e estudos sobre o funcionamento desses ambientes.

Darnton (1990), por exemplo, chama de “sistema hierárquico” o modo de organização das redações ao descrever sua estadia dentro do jornal estadunidense “The New York Times”:

A função determina alguns lugares: os esportes, os portos e marinha mercante, a “cultura” e a “sociedade” têm seus cantos próprios, e os preparados ocupam lugares acessíveis logo ao lado. Mas, aos olhos do iniciado, as linhas gerais do sistema hierárquico se destacam com a mesma nitidez de um lema de bandeira (DARNTON, 1990, p. 42).

Dentro dessa visão, as recompensas não estão relacionadas diretamente aos leitores. Para os jornalistas, o prêmio virá de seus próprios colegas e superiores. Segundo Darnton (1990), os repórteres escrevem com a tentativa de agradar os seus editores.

Dessa forma, a teoria organizacional considera condições externas ao profissional, porém, se limita em considerar que “as notícias são o resultado de processos de interação social que tem lugar dentro da empresa jornalística” (TRAQUINA, 2004, p. 157). Essa estrutura também leva em conta outro problema dentro do jornalismo: o fator econômico - ele influencia na capacidade de captação dos acontecimentos pela empresa, sua capacidade de cobertura.

Com a entrada dos anos de 1960, as universidades presenciaram uma onda de protestos e questionamentos sobre situações já definidas que influenciaram um novo direcionamento nos estudos sobre o jornalismo (TRAQUINA, 2004). As novas implicações tendem para os aspectos políticos e

sociais da produção na área, inclusive a identificação da imprensa como Quarto Poder.

Seja de esquerda ou de direita, estas teorias defendem a posição de que as notícias são distorções sistemáticas que servem os interesses políticos de certos agentes sociais bem específicos que utilizam as notícias na projeção da sua visão do mundo, da sociedade, etc (TRAQUINA, 2004, p. 163).

De qualquer forma, em ambas orientações (esquerda ou direita), há o reconhecimento do jornalismo submetido às ordens do capitalismo, ou seja, o profissional sujeito à lógica empresarial - o resultado disso se volta para a ideia de total submissão dos jornalistas em relação aos interesses de seus “patrões”. Conseqüentemente, as teorias de ação política também acabam considerando o fator econômico como parte da atividade jornalística, reconhecendo, inclusive, a dependência das empresas em relação as agências de publicidade.

Finalmente, depois da década de 1970, surgem duas novas teorias, denominadas construtivistas, que partilham da ideia de produção de notícia como construção social – a teoria estruturalista e a teoria interacionista. Duas teorias que são, em grande parte, complementares, porém possuem alguns pontos divergentes (TRAQUINA, 2004).

De um modo geral, segundo Traquina (2004), ambas teorias consideram o local de trabalho do jornalista, como na teoria organizacional, porém assumem essa perspectiva não só dentro de uma organização, mas também dentro de uma comunidade profissional. Elas também consideram a relevância da cultura jornalística que envolve a produção das notícias, como valores-notícias e a própria ideologia que define o campo. Conseqüentemente, essas teorias rejeitam a visão instrumentalista do trabalho jornalístico, reconhecendo a participação ativa dos jornalistas. Também reconhecem o aspecto da narratividade nas notícias, a forma de contar o acontecimento, como na pirâmide invertida e as questões do *lead*.

Dentre as duas teorias construcionistas e levando em consideração nosso estudo sobre a representação da mulher na *Folha da Noite*, a teoria interacionista exprime de melhor forma a realidade por trás da produção das notícias e do jornal.

Na concepção da teoria interacionista, as notícias resultam de um

processo de produção, em que temos a transformação de uma matéria-prima (os fatos) em um produto (a notícia). Sob essa perspectiva, o fator tempo é determinante na atividade jornalística, em que o profissional é acostumado a vencer o fechamento – fato que nos remete a primeira fase da *Folha da Noite* que tinha como intuito ser um jornal informativo e factual. Resumindo, “esta teoria encara o processo de produção das notícias como interativo onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante” (TRAQUINA, 2004, p. 184) .

Outro elemento importante dentro dessa teoria tem relação com a “ordem no espaço” que, dentre outras coisas, se reflete na “especialização em termos de temas – as empresas jornalísticas autodividem-se por secções que preenchem certas ‘rubricas’ do jornal” (TRAQUINA, 2004, p. 182) .

Essa tendência à especialização também é retratada por Darnton (1990), na qual os jornais admitem que seus leitores se constituem de grupos heterogêneos, o que estimula essa tendência e resulta no incentivo aos repórteres escreverem para públicos específicos – situação que também reconhecemos nas edições da *Folha da Noite*, com a seção “Figurinos” voltada especialmente ao público feminino.

A teoria interacionista também considera a relevância da rede noticiosa e também os critérios de noticiabilidade que regem o trabalho jornalístico. Dentro disso, a relação do profissional com as fontes é um dos aspectos fundamentais e, inclusive, existem critérios de avaliação da mesma que Traquina (2004) coloca como a autoridade, a produtividade e a credibilidade.

Essa importância que as fontes têm para a produção das notícias faz parte do esforço do profissional em tentar controlar seu trabalho, envolve-lo numa rotina. Esse fenômeno, porém, tem seus impactos, como a dependência dos profissionais sobre esses canais de rotina. “Quando os jornalistas ficam dependentes das fontes, podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não para o público” (TRAQUINA, 2004, p. 196). Isso inclui a preferência (e dependência) pelas fontes oficiais e que, de certa forma, volta a relacionar o jornalismo e o poder.

A dependência e preferência pelas fontes oficiais assume a posição das notícias em associação com as instituições legitimadas, conseqüentemente, do papel político do jornalismo. Assim, a teoria interacionista admite o jornalismo e

sua ação conservadora, mas reconhece também seu lado contestador, de refutar os traços dominantes da sociedade (TRAQUINA, 2004).

Enfim, para a teoria interacionista as notícias são o resultado de processos de interação social (TRAQUINA, 2004). O que nos traz uma visão mais ampla e complexa sobre o fazer jornalístico e o seu produto, tendo em vista sua construção, sua forma e o seu impacto no meio em que está inserido e as representações que exhibe.

Essa concepção da notícia como construção se faz importante, sobretudo, pela dimensão cultural que a mesma prevê. Segundo Traquina (2004), considerar essa dimensão significa que a representação de um acontecimento por um jornalista inclui, em sua construção, uma série de valores e significados estabelecidos culturalmente que estão – mesmo que inconscientemente – presos em qualquer pessoa, inclusive no profissional. A própria ideia de que algo é noticiável e tem capacidade de significação já esconde outros indicadores que nos servem de base, por exemplo, a identificação social, as classificações que, de certa forma, orientam o produtor e dimensionam as notícias.

## **8 ANÁLISE**

### **8.1 A representação da mulher na Folha da Noite**

O jornal vespertino *Folha da Noite* retrata a mulher e o mundo feminino através de colunas, reportagens e anúncios organizados e definidos sob o ponto de vista masculino, de homens jornalistas que trabalhavam no jornal. Esta retratação reflete, sobretudo, a imagem conservadora da mulher como submetida ao espaço privado do lar. Porém, em muitas passagens há a presença de uma abordagem mais liberal, reconhecendo a tendência de ocupação do espaço público pelas mulheres que o início do século XX começava a apresentar.

Essa tendência, muitas vezes considerada como “ousadia”, era retratada pela imprensa da época que, em grande parte, tentava amenizar o impacto das mudanças. As transformações apareciam em “contos, textos informativos, poemas ligeiros ou propagandas, bem como em notícias rápidas e também, destacadamente, em longos artigos escritos pelos homens da região a respeito

da ‘nova mulher’” (CAMPOS, 2009, p. 81).

Isso significa que em meio a discursos conservadores, encontramos conteúdos que trazem o debate sobre a emancipação das mulheres (movimento feminista e o voto feminino, por exemplo). Durante a análise das edições destes cinco anos, então, deparamo-nos com abordagens tradicionalistas - a mulher como “rainha do lar” - mas ao mesmo tempo, abordagens que reconhecem a capacidade feminina e o seu direito de ocupar a esfera pública.

Essas contradições, de certa forma, são reflexo do próprio contexto histórico dos anos 1920 que se caracterizam justamente pelas rupturas em relação aos padrões estabelecidos, mas que, simultaneamente, concentra inúmeras manifestações de violência, contra a democracia e direitos sociais.

Quando criada, em 1921, a *Folha da Noite* se lançou como um jornal popular, assumindo sua postura “incoerente” e “oportunista”, como justificativa a estar sempre ao lado do povo - o que também acaba sustentando as variações no tratamento de tais questões.

Nestes cinco anos analisados, pode-se perceber algumas características marcantes sobre o jornal. Por exemplo, a insistente cobrança do mesmo em relação aos aspectos urbanos de São Paulo (situação das ruas, saneamento moral, zonas de prostituição, etc)<sup>2</sup>; a constante fiscalização das atividades do Governo Federal, Estadual e Municipal, criticando e cobrando melhoras e, as vezes, elogiando algumas atitudes; a grande atenção sobre os operários (homens) e a situação de trabalho em que eles estavam submetidos – sendo muito comum encontrar, na maioria das edições, notas sobre acidentes de trabalho; e, ainda, o espaço atribuído a colunas e artigos de opinião de caráter pedagógico – trazendo à tona questões sociais e culturais como a própria temática feminina, além de outras como a importância do serviço militar no fortalecimento do nacionalismo e a importância da educação dos jovens.

Ou seja: a *Folha da Noite*, em tese, se lançou como um jornal popular, circulando aos finais de tarde – por isso vespertino – justamente no horário em que os operários saíam do trabalho. Mas, como afirmam Capelato e Mota

---

<sup>2</sup>**A legalização do vício**, João da Mata. *Folha da Noite*, São Paulo: 20.08.1921, p.2; **Uma encrenca na zona**. *Folha da Noite*, São Paulo: 22.04.1922, p.6; **Um vadio de marca**. *Folha da Noite*, São Paulo: 12.04.1923, p.3; **O dragão e as virgens**. *Folha da Noite*, São Paulo: 19.02.1924, p. 2.

(1981), o jornal não integralizou tal ideal. Na realidade, a *Folha* mais incorporou princípios positivistas e uma grande preocupação com os problemas locais – uma postura não exatamente de representação, mas de preocupação com a ordem social.

Dessa forma, as dificuldades de habitação, saúde, educação, transporte, lazer, que afetavam efetivamente os setores da sociedades para os quais o jornal se dirigia, eram frequentemente abordados. Várias campanhas foram feitas por iniciativa da *Folha da Noite*, como, por exemplo, a da habitação condigna para o pobre, educação alimentar, disseminação de escolas, direito de férias, estações de repouso e cura, fundação de hospitais e maternidades, creches e postos de assistência à primeira infância (CAPELATO; MOTA; 1981, p. 28).

Tendo em vista todo esse cenário, foi possível identificar alguns subtemas que se repetem e que ajudam na delimitação de alguns conteúdos que marcaram a imagem das mulheres no início do século XX. Estes subtemas se constituem entre questões sobre a beleza (a moda, corpo, saúde); a violência doméstica; a mulher como rainha do lar (casamento e maternidade); os movimentos políticos; vida artística e conceitos sobre feminilidade e masculinidade.

Duas das temáticas que também se tentou identificar - o pensamento religioso (influência da igreja) e a mulher operária - não foram encontradas notadamente nos dois primeiros anos de análise, mas manifesta-se em alguns textos a partir de 1923. A questão da mulher no mercado de trabalho pouco apareceu em alguns anúncios sobre cursos de datilografia que aceitavam mulheres e que remetem ao trabalho feminino como extensão pública dos papéis incumbidos à mulher, em ambas fases da pesquisa.

Um exemplo recorrente são as escolas de datilografia que aparecem com seus anúncios em praticamente todas as edições. Logo na primeira edição, por exemplo, a Escola Remington anuncia<sup>3</sup>: “Habilitem-se pois, senhores e senhoritas, frequentando os cursos especiais, essencialmente práticos, de dactylographia, correspondencia, tachygraphia, calculo commercial, contabilidade, inglez e francez”.

Nos últimos três anos de análise, porém, esses temas – mesmo que

---

<sup>3</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 19.02.1921, p. 7.



timidamente – apareceram nas páginas da *Folha da Noite*. A religião foi trazida à cena especialmente num momento em que as mulheres rendem-se a uma nova tendência: a moda dos cabelos curtos, mais conhecidos como corte à *La Garçonne*. Como qualquer novidade, passa a existir um movimento muito forte de crítica a tal atitude, ligando-a, inclusive, à religião. Seguir a nova tendência passa a ser sinônimo de pecado ( vaidade, luxúria) – sendo a tesoura o próprio símbolo da maçã de Adão e Eva<sup>4</sup>.

No início de 1925, outro artigo<sup>5</sup> liga a questão da religião ao movimento feminista. O colunista, Silveira Bueno, cita alguns trechos e passagens da bíblia, ligando-os a certos aspectos da emancipação da mulher na época e, ainda, mostrando como a igreja sempre se fez contra qualquer atitude feminina mais independente.

Em outra passagem, na coluna *Figurinos* (que discutiremos mais adiante), o jornal traz a figura das costureiras – mais uma profissão tipicamente feminina. O texto aborda exatamente as características mais importantes da feminilidade que são importantes para a respectiva profissão, sustentando, por exemplo, que “ellas [costureiras] conservaram integralmente a feminilidade com suas virtudes de paciência, de moléstia, de doçura e de timidez”.<sup>6</sup>

Outra modesta ocorrência em relação ao trabalho e à mulher se passa em várias edições do jornal<sup>7</sup> contendo pequenas notas sobre a criação e desenvolvimento de Escolas Profissionais Femininas, além de cursos, outras associações e até mesmo anúncios com nomes de formandos/as em escolas comerciais. As notas também traziam informações corriqueiras sobre a instituição – nomeação de novos diretores, por exemplo. Uma das edições, inclusive, faz referência á construção de uma Escola Maternal em Piracicaba,

---

<sup>4</sup> **Bendita Religião**, C. J. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 17.04.1924; **A Tesoura**, C. J. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 01.05.1924, p. 2.

<sup>5</sup> **Theologia e Feminismo**, Silveira Bueno. *Folha da Noite*, São Paulo: 14.01.1925, p.

2

<sup>6</sup> *Figurinos*, Nini Ruas. *Folha da Noite*, São Paulo: 26.05.1921, p. 3.

<sup>7</sup> **Escolas Profissionais Femininas**. *Folha da Noite*, São Paulo: 21.10.1921, p. 2; **Escola Profissional Feminina**. *Folha da Noite*, São Paulo: 05.02.1923, p. 3; **Escola Profissional**. *Folha da Noite*, São Paulo: 18.07.1923, p. 3; **Associação Feminina Beneficente e Instrutiva**. *Folha da Noite*, São Paulo: 06.11.1923, p. 5; **Escola Profissional Feminina**. *Folha da Noite*, São Paulo: 08.05.1924, p. 5; **A Escola Superior de Comercio do Rio de Janeiro** (anúncio). *Folha da Noite*, São Paulo: 26.06.1924, p. 7; **Escola Profissional Feminina – Curso Noturno de Aperfeiçoamento**. *Folha da Noite*, São Paulo: 18.09.1924, p. 1.

junto á fabrica Santa Rosalia<sup>8</sup>.

Todos esses casos remetem a realidade em que a mulher estava sujeita na época – determinada aos cuidados do lar mas, ao mesmo tempo, trilhando seu caminho para a sua emancipação no espaço público. As propagandas e o próprio jornal assumem essa tendência, porém, no entanto, ressaltam antigos padrões em relação a imagem feminina (CAMPOS, 2009).

## 8.2 Figurinos

“Figurinos” foi uma das seções da *Folha da Noite* voltada especialmente ao público feminino. Segundo Taschner (1992), o vespertino tinha grande preocupação em seduzir o leitor e a nova seção surge justamente com a ideia de abranger um público maior. A primeira edição de *Figurinos* saiu no dia 17 de março de 1921 e a partir de então começou a circular todas as quintas-feiras.

Em grande parte das edições, a seção trata de assuntos ligados à moda – tendências de acordo com as estações e sempre tendo Paris como referência. Porém, em algumas ocasiões, *Figurinos* acaba transmitindo conselhos e dicas de comportamento que nos denunciam valores e padrões aceitáveis na época em relação à figura feminina – isso envolvia desde assuntos relacionados a própria moda mas também assuntos polêmicos e políticos, como o feminismo. Mesmo nos temas considerados mais simples – que falam especifica e tecnicamente de modelos de roupas, por exemplo – pode-se observar um aspecto relevante ressaltado por Buitoni (1981) que é o distanciamento da mulher ao que há no restante do jornal como informação, atualidade. Esses textos caracterizadamente publicados às mulheres imergem o público feminino de situações expostas no restante do próprio jornal e estimulam, de certa forma, o desprezo das mesmas a tudo o que se distancia do espaço privado do lar.

Em um primeiro momento, assim que *Figurinos* foi lançada, a seção era assinada em nome de Nini Ruas, pseudônimo do jornalista Paulo Duarte. O

---

<sup>8</sup> **Escolas maternais de Sorocaba.** *Folha da Noite*, São Paulo: 25.07.1923, p. 6.

jornalista, anos depois, escreveu<sup>9</sup> que tomou o apelido de uma irmã que morava na Europa para assinar a coluna. Como continuação da sua trajetória na *Folha da Noite*, Paulo transcreve<sup>10</sup> uma carta que recebeu de Pedro Cunha, um dos fundadores do vespertino, que cita *Figurinos*, acreditando ter sido essa uma das primeiras seções de jornal diário na imprensa paulista a se voltar ao público feminino.



Figura 1 Primeira Edição da seção "Figurinos", lançada dia 17 de março de 1921

<sup>9</sup> Pré-história da Folha de São Paulo, Paulo Duarte. *Ilustrada/ Folha de S. Paulo*, São Paulo: 06.03.1966, p. 2

<sup>10</sup> Ainda sobre a Pré-história da Folha de São Paulo, Paulo Duarte. *Ilustrada/ Folha de S. Paulo*, São Paulo: 20.03.1966, p. 2

Logo na primeira edição<sup>11</sup>, então, Nini Ruas deixa bem claro os objetivos da seção e quais os valores que provavelmente guiarão seus escritos como, por exemplo, a atração entre as mulheres e a moda – “nós moças, que jamais deixamos de sorrir à vista de uma confusão de fitas e sedas”; o pudor e a moral – “Felizmente, entre nós do sexo feminino, existe também uma forte corrente a favor dos bons costumes”/ “A mais bela virtude da mulher é o pudor”.

Mesmo escritos por um homem, os textos sempre assumem um “eu” feminino, não menciona a autoria masculina e, na maioria das vezes, possuem um tom de conversa, de bate-papo com as leitoras - o que acarreta, conseqüentemente, maior interatividade.

A seção *Figurinos* foi, em grande parte, a principal referência dos resultados encontrados durante a análise da *Folha da Noite*. Em algumas edições, trouxe discussões consideráveis e importantes para nos ajudar a traçar o perfil da mulher nos anos 1920. Em outras edições, porém, o conteúdo da seção se limitou apenas a conselhos de moda específicos que só traziam tendências sobre modelos, combinações, acessórios. Portanto, apesar de ter grande contribuição, nem todas as edições presentes no período entre 1921 e 1925 foram utilizadas.

### 8.3 A beleza feminina

A moda e a beleza feminina eram os principais assuntos voltados ao público feminino no jornal. Especialmente com a seção *Figurinos*, o vespertino veiculava dicas e conselhos da moda parisiense às suas leitoras – modelos de vestidos, tipos de tecidos, melhores acessórios. Conselhos sobre a higiene do corpo também eram muito recorrentes - como o cuidado com o cabelo, com a pele, etc.

Esse auto embelezamento era afirmado principalmente para agradar os homens. Como Campos (2009) ressalta, a beleza da mulher se concretiza pela alteridade - para os olhos dos homens, e não para a identidade da própria mulher. Não à toa, os anúncios de salões de beleza, produtos de beleza, lojas

---

<sup>11</sup> *Figurinos*, Nini Ruas. *Folha da Noite*, São Paulo: 17.02.1921, p. 3

de roupas e sapatos, começam a ser cada vez mais frequentes. Por exemplo, um anúncio sobre uma “água de beleza” (retratado na figura 2) que promete tratar sardas, espinhas, e outros males. Estes anúncios aparecem, de forma mais corriqueira, próximos à seção *Figurinos*, admitindo uma relação entre o assunto/público/diagramação.



Figura 2 - Anúncio de produto de beleza direcionado às mulheres. *Folha da Noite*, 09 de abril de 1921.



Figura 3 - Anúncio de uma loja de moda feminina. *Folha da Noite*, 21 de julho de 1921.



Figura 4 - Anúncio loja "Galeria das Sedas". *Folha da Noite*, 19 de outubro de 1922.

Ainda na questão da moda, em algumas seções, a “autora” de *Figurinos* comenta a ousadia das brasileiras em querer adaptar os modelos franceses, quase sempre aumentando os decotes e diminuindo os comprimentos de saias e vestidos. Em uma das edições<sup>12</sup>, a “colunista” leva a público três cartas que recebeu após ter criticado, na semana anterior, os “modelos deturpados” que as brasileiras aderem. Uma das cartas criticava a posição da colunista, contradizendo a tendência de roupas com poucos decotes e vestidos mais compridos e enviando outros modelos. A resposta à carta foi franca: “Efetivamente, com a carta vieram alguns modelos não de vestidos, porque vestidos era o que quase não havia, mas de decotes e estreitos babados a guisa de saias”. A atitude da colunista atesta o que Campos (2006) descreve como uma norma implícita e recorrente dos textos direcionados ao público feminino, onde a “singeleza do conjunto formado pelas roupas apropriadas, o andar controlado, a maquiagem discreta ou o perfume inspirador” (CAMPOS, 2006, p. 3) são traços mais que importantes – são essenciais às mulheres.

De qualquer forma, pelo que pôde se ver, as leitoras mantinham contato com a redação do jornal (especialmente com a seção *Figurinos*). Situação similar se passa em uma das edições de 1925, quando a seção transcreve uma carta – assinada por “Xana” – de uma moça de vinte e três anos, contestando o redator pelas injustiças transcritas contra as novas modas (o cabelo curto, as roupas mais curtas e decotadas). Apesar de aparentar ser uma carta em favor das inovações da moda, na verdade, a autora se afirma dentro de todos os padrões conservadores e, mesmo assim, alega não ter nenhuma vantagem sobre isso.

Resultado: como não pretendo absolutamente cortar os cabelos e nem acompanhar cegamente a moda, porque a minha religião (católica) e os meus princípios não o permitem, tenho de resignar-me desde já a vida de ‘solteirona’, porque nunca encontrarei marido, nunca provarei o encanto e a doçura de trazer ao colo um anjinho loiro a balbuciar – ‘mamãe’... (Nem todas as “mulheres não querem alma”, Xana. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 26.03.1925, p. 7).

---

<sup>12</sup> *Figurinos*, Yolanda. *Folha da Noite*, São Paulo: 26.05.1921, p. 3

Em outra passagem<sup>13</sup>, ainda na seção *Figurinos*, a coluna continua tratando das questões morais que envolvem a moda, comentando sobre os novos tipos de tecidos que se tornaram mais utilizados pelas brasileiras como sendo indiscretos e exaltando os valores e a discrição das mulheres mais velhas: “Nossas avós fechariam os olhos, escandalizadas ante a transparência e o sumário destas coisas de renda e seda, nós, ao contrário, já afeitas à indiscrição da indumentária moderna, abrimos os nossos [olhos] para admirar e.. imitar se possível”.

As ligações entre a moral e a moda continuam nos anos seguintes, especialmente quando torna-se tendência o uso de decotes e roupas de menor comprimento, cores extravagantes. Os autores chegam a considerar tal tendência como “a moda do nu feminino”<sup>14</sup>, além de relacionar a moda à moral e até mesmo ao espírito de nacionalidade<sup>15</sup>.

Longe de se atenuar, a moda do nu feminino (deixam-me chamar-lhe assim) parece quer atenuar-se. Paris decreta, cada vez mais, o decote – e cada vez mais estende este decote até as mais extraordinárias inverossimilhanças. [...] A mulher reduzida as mais simples expressões do vestuário, desvendada aos nossos olhos pecadores em todos os seus recônditos encantos, é para nós, homens, mais sedutora do que a mulher que dantes mal descerrava sobre a pele cetinosa do peito a curva discreta de um leve decote, a mulher com roupa até os ombros e aos pés – a mulher que corava ao mostrar, subindo para o elétrico, cinco centímetros de perna e um milímetro de sapato? [...] A mulher bonita, em público, semi-despida, é infinitamente menos perturbadora do que a mulher discreta, elegante, sabiamente velada pelos antigos figurinos pulhundos. Adivinhar foi sempre infinitamente mais curioso e mais perverso do que conhecer. Dantes, diante de nós, envolta em seda ou veludo, com a pequenina mancha branca de um pequenino começo de colo nu, a beleza da mulher era uma hipótese apenas, uma conjectura, uma curiosidade.

<sup>13</sup> *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 23.06.1921, p. 3

<sup>14</sup> **Nossa Senhora da Decência**, Augusto de Castro. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 22.11.1923, p. 5.

<sup>15</sup> **As modas antigas e modernas**, Cecê. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 13.09.1923, p. 5; **Para as moças**, C. J. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 06.03.1924, p. 5; **Ser Brasileira**, C. J. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 03.04.1924, p. 5.

Sonhávamo-la, imaginávamo-la – engrandecemos-la portanto. Era a nossa fantasia que principalmente embelezava a mulher. Hoje, semi-despida, a mulher fica reduzida á sua beleza própria. [...] O pudor, o recato, não são apenas virtudes morais, são também encantos físicos. [...] As mulheres, no tempo em que Nossa Senhora da Decência as vestia, eram diferentes umas das outras. Hoje, as mulheres decotadas até a cintura parecem-me todas, não sei porque, a mesma mulher” (**Nossa Senhora da Decência**, Augusto de Castro. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 22.11.1923, p. 5).

Percebe-se então, de forma bem clara, como o “padrão moral feminino” estava completamente ligado à moda, às roupas. Ainda que recatada, a mulher seduzia e o recato era considerado um elemento de sedução, de fascínio e de singularidade. Ainda assim, as cartas de leitoras que chegavam ao jornal – como citadas acima – demonstram que, de certa forma, os conteúdos publicados eram questionados e não simplesmente recebidos pelo público feminino. Por outro lado, o texto explicitando a insatisfação com os novos costumes indica que as mulheres estavam incorporando novas estéticas expositoras dos corpos. Além da moda, os cuidados com o corpo e a saúde também se fazem presentes nos textos voltados ao público feminino. Segundo Sant’Anna (1995), as primeiras décadas do século XX se caracterizam por evidenciar essa relação entre a saúde e a beleza da mulher e, especialmente nos anos analisados, com a questão da higiene. Esse cenário é transmitido pela *Folha da Noite* em alguns conselhos e anúncios insistindo para a necessidade de investimento da parte das mulheres:

Uma mulher possuidora de uma bela cabeleira, possui por esse só elemento, cinquenta por cento dos dotes físicos necessário a uma representante do nosso sexo para se julgar formosa (*Figurinos, edição Nº 29 , 24/03/1921*)

Um vestido manchado nas axilas perde cinquenta por cento de seu encanto. Nada mais desagradável e inconveniente que a demasiada transpiração das axilas (*Figurinos, edição Nº 39, 07/04/1921*)

Os conselhos e os cuidados com a beleza e até mesmo com a saúde que encontram-se pelas edições são repassados através de textos a respeito de hábitos dos quais as mulheres devem ter diariamente. Num texto intitulado “Modas e Hábitos”, na coluna “Figurinos”, o próprio sentido do hábito é



explorado, considerado como uma “segunda natureza”, podendo ter consequências boas ou ruins. No artigo, a moda é vista como responsável por uma variedade de hábitos e que tende a mudar, transformar-se com o tempo.

E hoje? Ainda essa gente continua com seus cabelos compridos? Não. Todo o belo sexo rende homenagem ‘a la garçonne’ (...). E assim o cabelo cortado não passa de um pequeno hábito que a moda nos dá. E é um bom hábito, gracioso e prático. Porém ele nos dá também hábitos maus. E são perigosos! (**Modas e Hábitos**. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 02.04.1925, p. 2).

Em uma das seções de “Figurinos” analisada, esses conselhos são resumidos em mandamentos da beleza feminina. Essa preocupação dá espaço aos novos cosméticos mas, ao mesmo tempo, com a ressalva dos médicos, os mais confiáveis na conquista da beleza feminina<sup>16</sup>, mas essa conquista deve ser elaborada por meio de atitudes e estratégias adequadas.

I – Cultivarás o amor de beleza e tentarás estar sempre tão bela quanto possível [...] VIII – A pintura e os cremes, não te utilizes deles perante estranhos, use-os somente quando sozinha, em frente ao teu espelho [...] XI – Todas as noites, ao te deitares, limparás de toda a pintura teu rosto e pele, fazendo, após, ligeira massagem que refrescará sua pele, dando-lhe nova vida” (**Conselhos para conservar a beleza**. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 23.08.1923, p. 2).

Na edição 408<sup>17</sup>, por exemplo, a seção “Figurinos” traz a importância de um “bom sono” para a beleza feminina, indicando um quarto arejado, sete a oito horas de sono e que “dormir com a luz do dia não é racional nem saudável”. Ou seja, a mulher deve ter o cuidado com seu sono mas não abusar – sempre a ideia de imposição mais de cautela.

Em relação ao corpo, por exemplo, a edição 219<sup>18</sup> traz a discussão sobre o desenvolvimento dos seios e considera o órgão como uma das partes mais belas das mulheres, mas que sempre está sujeito a moda – que sempre tentam “modela-los” ou “torturá-los”. A colunista afirma: “Porque a verdade é esta: a beleza do peito preocupa todas as mulheres. Quase nenhuma está satisfeita

<sup>16</sup> **São os senhores médicos que aconselham**. *Folha da Noite*, São Paulo: 16.01.1923, p. 1; **Os inconvenientes dos preparos de beleza**, Dra. Paula d’EGINA. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 27.09.1923, p. 5.

<sup>17</sup> *Figurinos*. *Folha da Noite*, São Paulo: 15.06.1922, p. 6

<sup>18</sup> *Figurinos*. *Folha da Noite*, São Paulo: 03.11.1921, p. 2

com o que tem.” Com isso, “Figurinos” traz dicas de como cuidar melhor dos seios, com cuidados diários que ajudam seu desenvolvimento. Outro conselho é fazer, todas as manhãs, “pelo menos dez minutos de ginástica”.

Os cortes de cabelo ganham um espaço considerável nas colunas e artigos do jornal, especialmente em 1924. A nova moda dos cabelos curtos, também conhecidos como corte a “la Garçonne” gerou polêmica. Primeiramente, como novidade, fora visto negativamente, afinal, cabelos curtos era algo extremamente masculinizado<sup>19</sup>. Com o passar do tempo, porém, os ânimos acalmaram e a nova moda começa a conquistar o gosto das mulheres e dos críticos. Em uma das passagens, na própria seção “Figurinos”, a colunista classifica a nova moda como “hedionda” e deixa clara sua opinião: “É bem verdade que cada um usa o que quer e o que lhe agrada; mas, para continuarmos a conservar a estética e o bom gosto da mulher brasileira devemos concorrer para que essa nova moda seja abominada por completo”<sup>20</sup>. Outras edições trouxeram um olhar diferenciado e até mesmo favorável sobre a situação<sup>21</sup>.

Sou a favor dos cabelos curtos. Tenho visto muita cabeça feminina anônima transformar-se em objeto de culto masculino, mercê dessa nova orientação estética. Demais, nada mais leve que uma cabeça de mulher... Porque, pois, cingi-la ao peso de uma cabeleira complicada? O destino da pluma é ser livre. La donna é mobile qual pluma al vento – já diz a canção (**Para as moças – frases sobre a elegância feminina**. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 20.03.1924, p. 5).

Há, ainda algumas matérias e outros textos que trouxeram ocorrências pelo mundo a respeito da nova tendência<sup>22</sup>. “Até aqui a questão do cabelo cortado não passava de simples influencia (...) Já agora, porém, o caso se vai agrupando numa bruta encrenca de agressão publica” (*Folha da Noite*,

<sup>19</sup> **Para as moças**, C. J. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 06.03.1924, p. 5; **O caso de nha’Gertrudes**, C. J. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 24.04.1924, p. 5.

<sup>20</sup> **Os penteados do verão**, Magda. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 31.01.1924, p. 5.

<sup>21</sup> **Para as moças – frases sobre a elegância feminina**. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 20.03.1924, p. 5; **A vitória dos cabelos curtos**. Figurinos. *Folha da Noite*, São Paulo: 04.09.1924, p. 2.

<sup>22</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 25.08.1924, p. 5; *Folha da Noite*, São Paulo: 04.09.1924, p. 2; *Folha da Noite*, São Paulo: 14.10.1924, p. 2.

25.08.1924, p. 5). Em sua maioria, são ocorrências ligadas a grupos conservadores, inclusive religiosos, em busca de “reestabelecer a moral”.

“Não venho advogar a causa das louras e nem tampouco condenar a das morenas. É sabido que a coisa mais difícil é contentar a todos. Em todas as decisões de um jury surgem controvérsias, quase sempre injustas [...] Uns alegam que é impossível julgar-se a beleza de uma fotografia. Dizem outros que a premiada devia ter sido uma morena porque é a cor predominante dos brasileiros. E alguém, mais ousado ainda, chegou a afirmar que as candidatas deviam sujeitar-se a aparecer semi nuas perante o jury! [...] condições a um grupo de homens desconhecidos?”. “Seria mais razoável, entretanto, para evitar duvidas, que os concursos fossem divididos em tipos: morenas, claras, etc. O que não se pode, porém, asseverar é que as morenas são mais belas do que as louras, ou vice-versa e creio mesmo que a questão da cor não tem grande influência neste particular” (A mulher mais bela do Brasil. Folha da Noite, São Paulo: 13.04.1923, p. 5).

Em 1923, especialmente, outro tema ganha espaço na Folha da Noite: os concursos de beleza (e suas vencedoras). Esses concursos, no geral, simbolizam a disputa, a concorrência entre mulheres sobre sua beleza – a rivalidade entre loiras e morenas; altas e magras; de cabelos lisos ou enrolados. Em vista desses eventos, nota-se a presença de alguns artigos opinando a respeito da situação e colocando em questão a credibilidade dos resultados.

“Primeiro desgosto, primeira anarchia nessas cabecinhas jovens, primeiro desastre aos seus orgulhos de belas. Mas, dirão, houve rigor na classificação e houve justiça na escolha da vencedora. Contesto em gênero e número esta afirmativa. O rigor, basta ser rigor para ser falho e basta ser um acto humano para ser falível. Justiça também não há, porque 99 se sentem vítimas da injustiça. E com razão, porque não há nenhuma mulher neste mundo que se julgue feia e, quando por ventura o fosse, estão as tintas e os apetrechos de roupas para se fazer de uma feiura uma formosura das muitas que enganam pelo arranjo (...) Belleza feminina não é essa que entontece os homens pelo fulgor de uns olhos admiráveis, pelos traços esculpitóricos das linhas, pelo esplendor auroral de um rosto cativante. Beneca dizia que quando as donzelas quiserem ser verdadeiramente belas, devem realçar a beleza das virtudes porque só assim serão verdadeiramente formosas (...) É uma consequência lógica e inevitável, porque o concurso público começa ferindo o recato e a singeleza feminina” (Semanaes, Lellis Vieira. Folha da Noite, São Paulo: 02.07.1924, p.3).

Um pouco fora do rumo dos padrões das recomendações, a edição 202<sup>23</sup> traz, como título da seção “Figurinos”, o seguinte tema: “A mulher precisa conhecer-se”. No decorrer do texto, a coluna recomenda que as mulheres detenham parte de seu tempo em frente ao espelho a fim de conhecer-se melhor. “A mulher que deseja ser bela (o que é a que o não deseja?) e prolongar o efeito do seu encanto, deve necessariamente conhecer-se com minúcia.” Torna-se interessante notar o assunto na coluna, já que se trata de um conselho para o autoconhecimento - mesmo assim, percebe-se que o mesmo tende para a questão da beleza, da estética, a observação detalhada de suas características – uma das prisões femininas.

Como exemplo intermediário, que abrange além da questão da moda/beleza, também o tema da mulher voltada para o lar e à maternidade, temos a edição 112<sup>24</sup>, em que a seção Figurinos trata de como as mães vestem suas crianças. O texto começa interagindo num suposto diálogo: “Não raro ouvimos ao sabor de uma conversa de intimidade: ‘como andam bem vestidos os filhos de Maria! São crianças de um luxo!.. Têm roupas que não acabam mais. Ela deve gastar um dinheirão para vesti-los.’ ”. O que fica claro em todo o texto é que a mãe tem a responsabilidade de manter seus filhos “bem vestidos” – o que quer dizer que a mulher deve ter ciência sobre os padrões da moda, saber lidar com tecidos e, ainda, com os gastos que isso pode gerar. E a beleza e apresentação dos pimpolhos denota a capacidade da mãe nos cuidados com eles.

Há ainda, em outra edição, a relação da moda com o lar, ligando as escolhas de tecidos de vestidos com as de tapetes, cortinas, almofadas – de modo que a mulher esteja sintonizada e em harmonia com a sua casa. “É um pouco da alma da mulher que se revela no arranjo de seu lar [...]. A mulher dá ao seu lar mais do que ela pensa sobre seus perturbantes segredos”<sup>25</sup>. A atenção e sensibilidade com elementos estéticos compõem qualidades femininas importantes para manter a qualidade da casa, o aconchego da família rodeada pelo investimento decorativo expresso pela dedicação

---

<sup>23</sup> *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 13.10.1921, p. 5

<sup>24</sup> *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 30.06.1921, p. 2

<sup>25</sup> O lar e a moda. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 22.03.1923, p. 5.

feminina.

Disso, podemos, então, entrar no próximo tema que se repete consideravelmente nas páginas da Folha da Noite – a mulher dentro do espaço privado do lar.

#### 8.4 A Rainha do Lar

Outra importante e recorrente temática que se propagava no início do século XX tratava sobre o modelo ideal de família, com a idealização da figura feminina como esposa e protetora do lar. Segundo Maluf&Mott (1998), esse discurso era justificado pela “natureza feminina”, destinada a ser mãe e, conseqüentemente, cuidar de seus filhos, uma imagem repassada pela Igreja, médicos, imprensa e Estado.

Na *Folha da Noite*, essa representação era autenticada não só nos conselhos da seção Figurinos mas também em anúncios de produtos para auxiliar “donas de casa” ou para seus filhos.



Figura 5 - Anúncio sobre as "Pílulas de Foster". Folha da Noite, 01 de março de 1921

Na figura 5, temos o exemplo de um anúncio direcionado às “donas de casa”. Trata-se de um remédio que promete acabar com as dores nas costas dessas senhoras “que gostam de ordem na sua casa”. Essas dores, segundo o anúncio, são causadas por pedras nos rins e impendem que essas senhoras

consigam terminar seus afazeres domésticos.

É interessante e importante notar que, apesar de tecnicamente serem tipos de textos diferentes, as colunas e artigos que se dirigiam às mulheres possuíam uma linguagem muito próxima dos anúncios – e vice-versa. A comunicação estabelecia uma espécie de diálogo, na tentativa de ficar o mais próximo possível do público leitor. A publicidade, do mesmo modo, não parecia firmar seu discurso apenas na mercantilização de uma mercadoria, mas tanto mais em aconselhar e orientar as leitoras de necessidades referentes ao universo feminino que poderiam ser contempladas com tais produtos.

Além dos anúncios, a própria coluna *Figurinos* explorava o universo do lar com dicas e recomendações às suas leitoras. Por exemplo, a respeito da ordem e organização da casa. Ficava claro que era responsabilidade da mulher tal dever, que incluía, por exemplo, habilidade na cozinha, com a costura, na limpeza de móveis e roupas e até mesmo na economia dos gastos domésticos<sup>26</sup>.

A publicidade também explorava a maternidade e a responsabilidade das mães para com seus filhos, trazendo a ideia do “amor incondicional materno e o bem-estar familiar; entre a responsabilidade e educação das progenitoras e o sucesso público dos filhos”. (CAMPOS, 2009, p. 94). Um exemplo é o anúncio do “Alimento Mellin”<sup>27</sup> que promete a melhor saúde para as crianças e sugere às mães: “Porque não aproveitam a experiência de milhares de mães que têm tornado seus filhos robustos, graças ao ALIMENTO MELLIN?”.

Em outra edição, a *Folha da Noite* traz logo na primeira página uma coluna intitulada como “Falando às mães e à Pátria”<sup>28</sup>, que discute sobre um livro de “ensinamentos médicos” para mães tratarem seus filhos. Lellis, o

---

<sup>26</sup> **Os cuidados a ter com o calçado.** *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 08.03.1923, p. 5; **Sala de Jantar.** *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 12.04.1923, p. 2; **A arte da Iluminaria.** *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 10.05.1923, p. 6; **Anil para alvejar a roupa branca** (anúncio). *Folha da Noite*, São Paulo: 01.06.1923, p. 6; **Casa Cunto** (anúncio). *Folha da Noite*, São Paulo: 24.12.1923, p. 6; **A ordem que deve ter uma casa**, Magda. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 24.01.1924, p.5.

<sup>27</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 23.02.1921, p. 7; **Remédio Camomillina** (anúncio). *Folha da Noite*, São Paulo: 24.11.1923, p. 2; **Vermífugo Xavier** (anúncio). *Folha da Noite*, São Paulo: 29.03.1924, p. 12; **Licor de Cacau** (anúncio). *Folha da Noite*, São Paulo: 28.06.1924, p. 8.

<sup>28</sup> **Falando às mães e à Pátria**, Lellis Vieira. *Folha da Noite*, São Paulo: 28.09.1922, p. 1

colunista, assinala a importância desses livros para a tentativa de salvar crianças que ficam doente e, conseqüentemente, “formar uma geração para o futuro”, capaz de corresponder às necessidades da pátria. O livro, pelo que o colunista conta, fala da responsabilidade materna de amamentação como um talento divino, que “conserva a humanidade e a vida”. Segundo Lellis, “Isto é profundo, como higiene infantil, e como moral para certas mães, porque há algumas que renegam amamentar os filhos para não ficarem velhas...”.

Outra edição também trata desse assunto, em uma coluna intitulada “A mulher de escol”<sup>29</sup>, comentando sobre as “fases” da mulher casada, que vai se desgastando ao longo do casamento. “Tímida e dócil no início da vida conjugal, a mulher aos poucos se torna desembaraçada.” Segundo o texto, o nascimento dos filhos torna o papel da mulher mais notável, consolidado: “desde que percebe no seio o crescimento de uma vida nova, torna-se inquieta, e só se acalma de novo, quando, ávida e encantada, a sua alma bebe o primeiro sorriso do filhinho. A partir deste instante, a sua função está solidificada, definida: ela é rainha, a rainha do lar.”

Ainda como parte da temática da mulher mãe-esposa-dona-de-casa, pode-se citar ainda uma crônica com título “Maridos”<sup>30</sup>, que fora escrita num tom de carta – de mãe para filha – com conselhos sobre a vida de uma mulher. O que se entende é que a moça (que receberá a carta) fora traída pelo marido. A mãe (ou a avó) escreve a fim de acalmar a jovem. “É preciso, minha filha, que todas nós nos habituemos a encarar os homens como eles são, e não como nós desejamos que eles sejam.” A crônica deixa bem claro que se o marido está insatisfeito e procurando por outra, a culpa é da mulher, que não está satisfazendo-o da melhor forma. “Estás a caminho de o perder? Pois bem. O teu dever Mary, é reconquista-lo. Como? Com o teu melhor sorriso, com a tua melhor graça, com os teus melhores encantos”. Ao final, a crônica é assinada por “Tua Guida”.

Nesses exemplos acima, podemos perceber a exaltação do papel da mulher dentro do lar, responsável pelos cuidados dos filhos e do marido e até pelo sucesso deles. A mulher carrega todo o peso da responsabilidade de manter o lar feliz e harmonioso, com todos saudáveis e satisfeitos, o marido

---

<sup>29</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 01.03.1922, p. 3

<sup>30</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 20.05.1922, p. 5

devotado à esposa e apaziguado com sua vida sexual doméstica.

O casamento deveria ser a grande conquista da vida de todas as mulheres. A coluna *Figurinos* retrata tal sentimento em uma de suas edições, ressaltando como as moças se sentiam quando noivas. “Enquanto noiva, vive num delírio contínuo de divertimentos e de vontades que o noivado lhe facilita [...] e pensa inocentemente que este estado de gozo e regalias sem fim pode e deve durar para sempre [...]”.

Em contrapartida, o texto também faz a ressalva dos deveres e responsabilidades que rodeiam a mulher e o matrimônio – o cuidado da casa e dos filhos, especialmente. Para que estas obrigações sejam concluídas quando casadas, a coluna apela às mães de meninas e moças noivas – compete a elas a responsabilidade de dar base às suas filhas para que as mesmas tenham condições de manter o seu novo lar. “A mais sólida base para a felicidade que uma boa mãe pode dar à sua filha, consiste em familiarizar esta desde a infância com o serviço domestico, ocupando-a conforme sua idade e força”<sup>31</sup>.

A *Folha da Noite* ressaltava, no entanto, tanto mais o aspecto contratual do matrimônio do que o religioso. Na coluna “Pela Sociedade”<sup>32</sup>, os noivados eram reportados como contratos e, em outra passagem<sup>33</sup>, como um consórcio.

A mulher divorciada, em contrapartida, era vista com certo receio. Essa perspectiva é salientada numa matéria<sup>34</sup> que trata de uma novidade criada nos Estados Unidos: um anel de divorcio para mulheres que se separaram. O texto começa já revelando a posição do jornal em relação à situação: “As excentricidades humanas não tem limite, principalmente quando se referem às mulheres.” Apesar de não ter um caráter sensacionalista, a matéria reconhece que a América do Norte é um berço de mudança e que, no Brasil, a mulher divorciada não merece “muitas considerações”, já que a sociedade brasileira “não está habituada ao divorcio”. Em contrapartida, em outra edição, encontramos um anúncio sobre “anulações de casamentos”<sup>35</sup>, especialidade de um advogado. Isso significa que, de certa forma, a ideia – um tanto baseada nos ideais religiosos - do matrimônio como infinito começa a ter suas bases

---

<sup>31</sup> **Conselho às noivas.** *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 10.01.1924, p. 5.

<sup>32</sup> **Pela Sociedade.** *Folha da Noite*, São Paulo: 04.05.1921, p. 1

<sup>33</sup> **Bígamo.** *Folha da Noite*, São Paulo: 08.08.1923, p. 2.

<sup>34</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 20.04.1922, p. 4

<sup>35</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 12.10.1922, p. 7



derrubadas na vida concreta das pessoas.



Figura 6 - Anúncio sobre anulações de casamentos. *Folha da Noite*, 12 de outubro de 1922.

Como conclusão deste tópico e, mais uma vez, já adentrando em outro subtema, temos uma edição do jornal que trouxe uma coluna com a discussão dos novos movimentos feministas como deturpadores da ordem e exaltando o espaço privado do lar como principal destino e ambição das mulheres. Intitulado como "Liga do Coração", o texto – que vem logo após a seção *Figurinos* – discorre, sobretudo, a respeito do movimento feminista que estava crescendo na Europa. Ao final, a "colunista" deixa bem claro o principal papel da mulher, que tem que ser educada para o marido, para o lar.

Acredite: quando queremos competir com os homens, afastamo-nos do nosso nobilitante papel. É deles a luta exterior; é nossa a interna, a obscura. No labutar da casa, preparamos as armas com que eles combatem na vida. Boas ou más: de temperas ou não, partiram de nós, fomos nós que as forgicamos. Não nos comparemos aos homens. O espírito rejeita o confronto entre coisas e seres heterogênicos e, moralmente falando, há diferenças entre os dois séculos. Fundai a "Liga do Coração", mas uma cooperatividade sadia, que se não ocupa superficialidades tolas e perniciosas. Eduquemos a mulher para o marido; aparelhemo-la para a hipótese de solteira, viúva ou infeliz no casamento, ou em situação difícil, saber lutar. Uma só nada fará. Reunidas somos fortes. É a parábolas das varas. O lar! O lar! Avante! (Liga do Coração – O feminismo em ação. *Folha da Noite*, São Paulo: 28.04.1921, p. 3).

Parece-nos, a princípio, que o jornal tende sua visão para o lado mais conservador possível, rejeitando todos os eventuais avanços na relação entre a mulher e a sociedade. Porém, como veremos a seguir, algumas notas, colunas

e matérias começam a mostrar-nos que essa estrutura estava tomando outras direções.

### 8.5 Feminismo e movimentos políticos

O movimento feminista e as movimentações políticas em relação à renúncia aos valores e padrões que cercavam as mulheres certamente foram mais significativos em outros países quando comparado ao Brasil – por exemplo, a própria movimentação das mulheres operárias em Nova Iorque em protesto contra as más condições de trabalho em que estavam sujeitas (acontecimento que, hoje, é associado a comemoração do Dia Internacional da Mulher). Porém, ainda assim, algumas mudanças iam traçando um novo caminho às brasileiras.

A *Folha da Noite*, nas edições analisadas, traz algumas discussões a cerca do feminismo como movimento mas, em algumas passagens, trata de avanços sociais relacionados a direitos femininos, por exemplo, o voto. Mesmo com a predominância do discurso moralista, o vespertino reconhece algumas transformações mais aceitáveis e vai expondo-as aos poucos.

Esse processo de emancipação das mulheres se reflete de forma contraditória tanto na sociedade da época quanto na retratação feita pelo próprio jornal. O que se pode perceber é como todas essas mudanças estavam acontecendo de forma gradativa e até mesmo contraditória, mas ainda assim, transcorrendo de maneira significativa.

Um dos temas tratados pelo jornal nesse sentido é a questão do voto feminino. A primeira “aparição” do assunto se dá com uma nota intitulada “O Voto Feminino”<sup>36</sup> notificando uma emenda que foi fundamentada por um senador no Congresso concedendo o direito de voto às mulheres. Bertha Lutz, uma bióloga famosa por sua atuação com o feminismo no Brasil, envia um telegrama ao senador responsável – Fontes Junior – agradecendo-o e saudando sua atitude.

---

<sup>36</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 18.06.1921, p. 3

Na edição 144<sup>37</sup>, o jornal elogia o senador pela atitude, dizendo que Fontes Junior “fundamentou com brilhantismo uma emenda à nossa Constituição concedendo o direito de voto às mulheres” e complementa que o mesmo recebeu uma carta do então presidente do Uruguai com o exemplo daquele país em relação ao voto feminino.

Já na edição 149, algo chama a atenção: logo na primeira página, na coluna de destaque, temos um texto assinado por Maurício de Lacerda que aborda o tema sobre o voto feminino. O artigo, “As Mulheres na política”<sup>38</sup>, representa um passo na direção do reconhecimento das mulheres em igualdade aos homens. Maurício afirma: “A Constituição não o vedava e, no momento, por toda parte se chegará a conclusão verdadeira da equivalência política dos sexos e das classes, de sorte que era oportuno iniciar, pelo menos, o estudo da questão entre nós”.

Recorrência semelhante também aparece em uma nota contando sobre a nomeação de uma mulher para o cargo de tabeliã de notas no Rio. Apesar de considerar a nomeação como fruto do progresso do feminismo, a nota descaracteriza a mulher nos principais aspectos geralmente ressaltados sobre a beleza feminina – “Para isso tudo só mesmo uma ‘tabelioa’ resignada e feia, com enormes óculos no beque, calos nos dedos e uma sanfona de rugas na fachada”<sup>39</sup>.

Outra situação, numa coluna intitulada como “Casa ou morre.. e o feminismo progride”<sup>40</sup>, o texto deixa claro a evolução do feminismo e o quanto ele já influencia a vida das mulheres. “Tudo se tem dito e escrito do feminismo, que, inegavelmente, vai dia a dia rompendo barreiras e caminhando a passos firmes para vitória”, escreve o autor. Mesmo o colunista, Nicanor Farcole, assumindo todos os avanços e a imagem da “nova mulher”, ao final, porém, ele comenta casos de mulheres que obrigaram seus noivos a se casarem, chegando até a ameaça-los de morte. No fim, então, Nicanor é irônico – ele liga

---

<sup>37</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 06.08.1921, p. 2

<sup>38</sup> **As Mulheres na Política**, Maurício Lacerda. *Folha da Noite*, São Paulo: 12.07.1921, p. 1; **O Direito de Voto às Mulheres**. *Folha da Noite*, São Paulo: 14.03.1925, p. 1

<sup>39</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 04.04.1923, p. 5.

<sup>40</sup> **Casa ou morre.. e o feminismo progride**, Nicanor Farcole. *Folha da Noite*, São Paulo: 20.05.1922, p. 3

o empoderamento feminino ao abuso de poder e da força, como se a autonomia pregada pelo feminismo tivesse um sentido e desfecho ruins.



Figura 7 - nota sobre “presidente de uma grande sociedade feminista” que viajou para o Rio. Anna Gordon, da Women’s Christian Temperance Union. *Folha da Noite*, 19.05.1921

Outro exemplo de “contestação” do feminismo aparece na edição 456<sup>41</sup>, na seção Figurinos, assinada apor Anna Ronda, que queixa-se de uma sufragista que, com seus princípios feministas, diz-se ter “opinião própria”. Ana acusa a moça de sofrer algum “estrabismo mental”, “porque de certo não tem pae, nem irmão nem noivo..” e também num texto trazido pela seção Diversões, escrito por Mme. Pierant, que se diz anti-feminista e, para ela, “ a mulher deve permanecer mulher e não se inserir nas convenções masculinas” e ainda considera a mulher “um ser muito nervoso, muito parcial para ser apta a fazer política”<sup>42</sup>. Em outras passagens<sup>43</sup>, o jornal anuncia eventos e encontros relacionados ao movimento – na edição 76 (figura 7), por exemplo.

<sup>41</sup> *Figurinos*, Anna Ronda. *Folha da Noite*, São Paulo: 10.08. 1922, p. 5

<sup>42</sup> **As atrizes e o feminismo – uma opinião de mme. Pierant**. *Diversões. Folha da Noite*, São Paulo: 09.01.1923, p. 3.

<sup>43</sup> **O feminismo triunfante**. *Folha da Noite*, São Paulo: 06.01.1925, p. 5; **O feminismo em foco**. *Folha da Noite*, São Paulo: 13.01.1925, p. 1; **O feminismo em S. Paulo**. *Folha da Noite*, São Paulo: 14.01.1925, p. 5;

## 8.6 Violência doméstica

As notas policiais e a frequência em que aparecem no jornal *Folha da Noite* são consideráveis. A violência contra mulher, pelo que parece, era recorrente naquela sociedade, levando a inúmeros assassinatos e até mesmo suicídios. De forma um pouco inesperada, porém, a maioria das notas trata a mulher como vítima da crueldade dos homens. Mesmo assim, em algumas passagens, o tom diferencia-se, especialmente quando trata de casais amantes.

As notícias policiais, segundo Barbosa (2007), são mesmo recorrentes nesse período e, assim como visto na Folha, possuem títulos chamativos seguidos por subtítulos menores com um resumo do caso – como, por exemplo, na reportagem<sup>44</sup>, intitulada como “Assassinato Cruel”, que traz o caso de um sapateiro que matou “barbaramente” a sua esposa, só por desconfiar de traições. Como se pode ver, o título chama atenção, assim como no discorrer da matéria, em que encontramos adjetivações como “horrorosa cena de sangue” e “pobre mulher”. Mesmo assim, a reportagem deixa claro que o marido estava sob efeito do álcool e que se encontrava cheio de desconfianças, “não se dando ao trabalho de averiguar o que haveria de verdade nelas, levado unicamente por suspeitas”. O que não fica claro, então, é: se a mulher realmente o traía, merecia então o fim que tivera?

Em alguns casos, a tragédia se faz por homens que não eram correspondidos por seus amores e decidem acabar com a vida das mulheres amadas e, na maioria das vezes, suicidam-se depois. Por exemplo, com a nota “A tiros de revólver”<sup>45</sup>, que fala sobre um funcionário da empresa Estrada de Ferro Central do Brasil que se apaixonou por uma moça, solteira, do mesmo bairro em que morava e não sendo atendido, matou-a a tiros.

---

<sup>44</sup> **Assassinato Cruel.** *Folha da Noite*, São Paulo: 22.02.1921, p. 5; **Namorado assassino.** *Folha da Noite*, São Paulo: 31.03.1923, p. 4; **Ciúmes e facadas.** *Folha da Noite*, São Paulo: 24.05.1923, p. 2; **Monstro.** *Folha da Noite*, São Paulo: 09.08.1923, p. 2; **Marido Sanguinário.** *Folha da Noite*, São Paulo: 22.08.1923, p. 2; **Um lar infeliz.** *Folha da Noite*, São Paulo: 03.11.1923, p. 3; **Apaixanou-se por uma mundana.** *Folha da Noite*, São Paulo: 09.01.1924, p. 5.

<sup>45</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 22.03.1921, p.1

Na edição 336, em “Os Crimes Emocionantes”<sup>46</sup>, o subtítulo explica: “Mais uma scena trágica na capital da Republica – matou a pessoa que amava, porque ella ia casar com outro.” A reportagem ainda tem subdivisões como “Os precedentes”, “O assédio”, “A tragédia” e “No necrotério”. Com isso, o jornal apresenta fase por fase do acontecimento, tratando-o como uma espécie de narrativa policial, com todo suspense, clímax e desfecho.

Outro caso, intitulado como “Na rua dos Prazeres – Vingança Amorosa”<sup>47</sup>, trata sobre um moço, noivo, que de tão apaixonado deixou de trabalhar e conversar com os amigos, tornando-se um “verdadeiro vagabundo”. “Esse fato, como era natural, não agradou à família de Margarida” – já que, sendo homem, ele deveria cumprir com as suas obrigações “masculinas”. Assim sendo, a moça “desmanchou” o noivado. O noivo “dá cabo a existência de sua ex-noiva, cravando-lhe uma faca nas costas e no peito e evadindo-se em seguida”. Percebe-se, neste exemplo, a exaltação dos valores em relação ao homem, que deixou de cumprir seu papel e, assim, desagradou à moça. Mesmo assim, ao enfatizar a paixão, o texto ameniza o impacto de culpa sobre o homem vitimizándolo.

Um outro exemplo que mostra a relação do homem que se torna incapaz de cumprir totalmente os seus deveres aparece com o caso<sup>48</sup> de um homem que estava doente (não é citada sua enfermidade) e mata sua mulher, suicidando-se logo após. O que fica subentendido é que, de alguma forma, doente ele se viu incompetente.

Há casos, também, de violência física contra mulher em situações corriqueiras, como aparece com a nota “Esbofetou uma mulher”<sup>49</sup>, que conta o

---

<sup>46</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 25.04.1921, p. 3; **Crime emocionante**. *Folha da Noite*, São Paulo: 02.03.1923, p. 5; **Matou a mulher e seis filhos**. *Folha da Noite*, São Paulo: 21.04.1923, p. 3/ 23.04.1923, p. 3/ 24.04.1923, p. 3/ 25.04.1923, p. 3/ 07.05.1923, p. 2; **A que leva o amor**. *Folha da Noite*, São Paulo: 09.08.1923, p. 5; **Triste desfecho de uma paixão**. *Folha da Noite*, São Paulo: 24.08.1923, p. 5.

<sup>47</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 09.08.1921, p. 2; **Epílogo de uma infidelidade**. *Folha da Noite*, São Paulo: 13.01.1923, p. 3; **Assassinato em Campinas**. *Folha da Noite*, São Paulo: 02.05.1923, p. 6; **Matou a esposa**. *Folha da Noite*, São Paulo: 03.12.1923, p. 3; **Em Rio Preto**. *Folha da Noite*, São Paulo: 01.03.1924, p. 4.

<sup>48</sup> **Na Guanabara**. *Folha da Noite*, São Paulo: 19.04.1921, p. 4

<sup>49</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 24.05.1922, p. 5; **Espancada**. *Folha da Noite*, São Paulo: 25.04.1923, p. 2; **Esfaqueada no ventre**. *Folha da Noite*, São Paulo: 26.04.1923, p. 3; **Estúpida agressão**. *Folha da Noite*, São Paulo: 11.08.1923, p. 4; **Agrediu a amante**. *Folha da Noite*, São Paulo: 10.12.1923, p. 2; **Quis matar a**

caso de um dentista que queria tomar de volta um quarto alugado por uma moça num determinado prédio. A moça pediu-lhe um tempo para fazer a mudança e ele não lhe concedeu. Ao invés disso, emitiu um documento de compromisso de deixar o local. A moça, querendo ler do que se tratava antes de assinar, sofreu ameaças e a violência física.

Na edição 113, temos um “Caso Misterioso”<sup>50</sup>, que conta o caso da morte de uma mulher e a acusação de sua mãe contra o marido como responsável pelo ocorrido. A mãe contou a polícia que o marido da filha não trabalhava e obrigava-a a entregar-lhe seu dinheiro – caso não o fizesse, era espancada. O marido fez com que se mudassem para Minas, mas a mulher, juntando seu dinheiro, voltou para a casa da mãe. Porém, mesmo assim, continuou sendo perseguida e maltratada pelo marido – fazendo, inclusive, queixas na polícia. O médico que fez o laudo de morte da mulher colocou como causa a tuberculose – o que, segundo o jornal, não faz da queixa da mãe uma acusação infundada. Interessante como é possível perceber que há, quase sempre, dúvidas em relação à mulher como vítima e em relação a culpabilidade inequívoca do homem – o que é muito comum ainda hoje – mesmo ela já tendo se queixado a polícia e sua família também ter conhecimento da sua realidade com o rapaz.

Assim como os assassinatos, temos muitos casos de suicídio, especialmente entre as mulheres, que mostram, de certa forma, a fragilidade feminina diante da sociedade da época já que, na maioria deles, moças se matam por não serem correspondidas amorosamente, ou não conseguem casar-se. A falha da mulher em não conseguir cumprir seu papel leva-a ao ato de por fim a vida sem sentido e amparo. Na edição 113, por exemplo, “a parda Georgia Pereira da Silva, de 22 anos de idade, solteira”<sup>51</sup> suicidou-se ingerindo grande quantidade de uma substância desconhecida. Antes de tentar cometer o ato, a garota escreveu uma carta se explicando e dizendo que o motivo para tal era não ser correspondida amorosamente.

---

**esposa.** *Folha da Noite*, São Paulo: 13.12.1923, p. 2; **Marido Brutal.** *Folha da Noite*, São Paulo: 30.01.1924, p. 2.

<sup>50</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 01.07.1921, p. 6; **Os casos conjugais.** *Folha da Noite*, São Paulo: 19.03.1924, p. 5.

<sup>51</sup> **Tentativa de Suicídio.** *Folha da Noite*, São Paulo: 01.07.192, p. 3

“Mais uma tentativa de suicídio”<sup>52</sup>, na edição 128, de uma mulher mais velha, Ludovina Reynal, 44 anos, casada com Frederico Pierre Reynal. O motivo do suicídio foi devido às desconfianças do marido sobre infidelidades da mulher, que vinha causando discussões. Ludovina tentou se matar com um tiro no ouvido. Na edição 190<sup>53</sup>, “abandonada pelo amante, a menor Maria Nunes, de 18 anos, residente a rua São João 149, resolveu esta madrugada, por termo a sua existência, ingerindo forte dose de lysol.”

Na edição 188, uma reportagem intitulada “Os dramas do amor”<sup>54</sup> traz o caso de assassinato de uma mulher seguido de suicídio do assassino. Porém, esse caso trata de realidades diferentes: usando termos do próprio jornal, o acontecimento conta como protagonistas “um pretinho de profissão mais ou menos incerta” que, acometido por uma “paixão irrefreável”, mata uma “rapariga argentina”, “desgraçada”, que era sua amante e, depois, se mata com um tiro na cabeça. O interessante, no sucedido, é que a polícia se esforça para reconstituir as cenas e fica em dúvida se, na verdade, quem matou o homem não teria sido a mulher. Outro caso parecido se repete na edição 196, trazendo o assassinato de uma “mulher de vida fácil” seguido pelo “suicídio de um preto”. Nesses casos, não há demonstração de nenhum sentimento de compaixão pelas vítimas. Os suicídios revelam, no geral e especialmente com as mulheres, como todas elas estavam sujeitas a padrões e que eles estavam ligados à felicidade – elas não poderiam ser felizes sem casar ou se fossem abandonadas.

Nos casos de assassinatos, como se pode perceber, as tragédias só acontecem com homens que se sentem confrontados, incapacitados de exercer seu poder e suas vontades. Nos últimos anos de análise, ainda, também apareceram algumas matérias sobre casos em que a mulher assassina o marido. Apesar de reconhecer como crime, tal atitude também é vista pelo jornal como um ato desesperado contra um homem que, na maioria das vezes, não cumpria seu “papel” como pai e marido<sup>55</sup>. Tendo isso em vista, podemos constatar que a figura masculina também possuía padrões a seguir e a cumprir diante da sociedade – valores que o jornal também reproduzia.

---

<sup>52</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 19.07.1921, p. 6

<sup>53</sup> **Tentativa de Suicídio.** *Folha da Noite*, São Paulo: 29.08.1921, p. 2.

<sup>54</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 27.08.1921, p. 3.

<sup>55</sup> **Mais uma tragédia.** *Folha da Noite*, São Paulo: 12.04.1924, p. 5.



## 8.7 Conceitos de masculinidade

Como visto em alguns exemplos acima, os homens também estavam sujeitos, de certa forma, a cumprirem um ideal – completamente diferente da mulher, claramente. A figura masculina tinha que efetivar sua imagem pública, de poder e força. Assim como Scott (1995) comenta, discutir as questões sobre gênero também implica em comentar informações sobre os homens. Por isso, se faz importante entender, também, os conceitos de masculinidade aceitos pela sociedade da época – o que não significa, sobretudo, que a figura masculina tenha uma posição de submissão e opressão, como das mulheres.

Assim sendo, foi possível identificar nas edições analisadas da *Folha da Noite* uma série de colunas e artigos sobre alguns deveres e expectativas sociais sobre os homens que é de interessante análise. Na maioria deles, como se espera, o jornal retrata a perspectiva do homem como figura pública, com seus deveres para com a nação, família e trabalho – afinal, como ressaltado por Campos (2009, p. 90), “tanto os homens quanto as mulheres foram, portanto objetos de intervenção dos discursos normativos”.

No caso da relação entre o homem, trabalho e família temos um exemplo, na edição 110, com uma matéria intitulada “A odysseia de um pobre trabalhador”<sup>56</sup>, que viajou “da Noroeste para São Paulo” em busca de melhores condições de vida. Porém, suas crianças estavam doentes e, por isso, ele procurou a Assistência Policial – órgão que o jornal critica e condena por não cumprir seus mínimos deveres, já que pouco ajudou o “pobre trabalhador”, que foi forçado a voltar à cidade natal. Percebe-se como o jornal exalta a atitude do pai, de procurar melhorar a vida de seus filhos e de cuidá-los, sob qualquer custo – um exemplo de homem para a sociedade.

Em outra passagem, uma coluna assinada por Cícero Marques<sup>57</sup> fala sobre tipos de maridos. O colunista começa argumentando: “Sou por principio um grande admirador e defensor da mulher. Chego até ao exagero de considera-la mártir, em relação à liberdade quase sem limite que usufruímos. Mas, a partir disto, existem os maridos que a maior parte das vezes, são os

---

<sup>56</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 28.04.1921, p. 3

<sup>57</sup> **Maridos e.. Maridos**, Cícero Marques. *Folha da Noite*, São Paulo: 19.04.1921, p. 4

sacrificados.” No texto ele desenvolve a ideia de que existem maridos “submissos”, que “trabalham de sol a sol” e ainda ajudam em casa, nos afazeres domésticos e até na criação dos filhos. Os maridos “semi submissos” que mandam mais, mas ainda são inseguros e os maridos “insurrectos”, que agem como cafajestes – colocam ordens na casa. Apesar das designações, não fica explícito nenhum tom de ironia ou satirização.

Uma das edições de *Figurinos* traz, também, uma pesquisa de uma Associação em Londres com base na pergunta: “Qual a profissão que forma e produz o melhor marido?”. Dentre as respostas, médicos e sacerdotes saem à frente por guardarem fidelidade às suas mulheres. Advogados são considerados “pouco sinceros” e, em último lugar, literatos e artistas, de “infidelidade garantida”<sup>58</sup>.

Outro aspecto que o jornal insiste bastante sobre o comportamento masculino tem relação com o dever à pátria. O serviço militar aparece em muitas discussões suscitadas pelo jornal, às vezes criticando os militares pelo seu abuso de poder, outras vezes criticando os jovens que pouco tem se responsabilizado a cumprir esse dever. Na edição 67, por exemplo, a primeira coluna do jornal<sup>59</sup> trata do serviço militar e fala sobre o entusiasmo dos jovens que tem diminuído. A coluna, assinada por F. Vergueiro Steidel da Liga Nacionalista, reclama sobre o método de entrada no serviço, que eram os sorteios: só era chamado quem não conseguia, por meio de alguma influencia política, ser descartado da lista. Vergueiro Steidel compara a falta de entusiasmo com a falta de patriotismo dos jovens.

---

<sup>58</sup> **Quais os melhores maridos?**. *Figurinos. Folha da Noite*, São Paulo: 06.09.1923, p. 5.

<sup>59</sup> **O serviço militar**, F. Vergueiro Steidel. *Folha da Noite*, São Paulo: 09.05.1921, p. 1

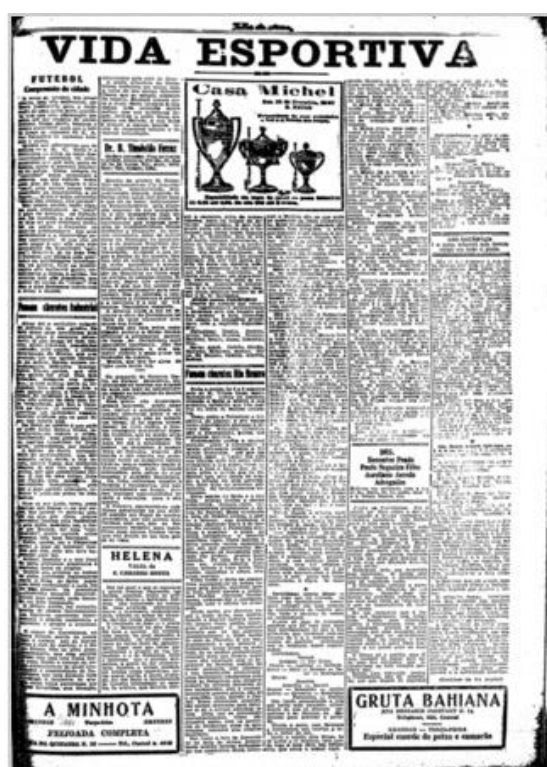


Figura 8 - Seção "Vida Esportiva". *Folha da Noite*, 27 de novembro de 1922.

As edições da *Folha da Noite* também dispunham de grande espaço para os assuntos esportivos, voltados para o público masculino. Em algumas edições, duas ou três páginas eram só sobre a seção "Vida Esportiva". O esporte ressaltava a relação entre os homens e a força, a disciplina, à própria figura pública que eles deveriam sustentar. A seção trazia uma grande variedade de esportes retratados, mas o que mais ocupava as páginas era o futebol. Além disso, ao longo da seção, anúncios de lojas destinadas ao público masculino, lojas esportivas, lojas de ternos e chapéus se fazem frequentes nas páginas do jornal.

## 8.8 Vida artística

A *Folha da Noite* dispunha, também, de um grande espaço para publicações sobre assuntos relacionados à arte, como apresentações musicais, exposições, filmes, etc. Nos anúncios, também possui grande quantidade de publicidades relacionadas a peças teatrais, programações, filmes, etc. Esses assuntos eram divulgados especialmente nas sessões “Diversões” e “No mundo da arte”.

A figura feminina, nessas publicações, era retratada com bastante ênfase. O jornal utilizava de grandes fotos de mulheres artistas nas páginas, geralmente exaltando-as. Nos anúncios, inclusive, a maioria vinha também acompanhado de imagens e destacando os nomes das artistas, como na figura 9.

Empresaria D'Errico, Bruno, Lopes & Figueiredo —  
Rua Duque de Caxias, 25 — Tel. Central, 2880

**ROYAL THEATRE**

O PONTO DA ALTA SOCIEDADE PAULISTANA  
Rua Sebastião Pereira Telephone, Cidade, 2621

**HOJE** 6ª feira -- Sessão contínua das 19 horas em diante  
3 FILMES DE GENEROS DIVERSOS, 3 **HOJE**

**PAULINE FREDERICK**  
a celebre tragica, a incomparavel, a maior artista, e a protagonista do

**A LUZ DO AMOR**

Drama de grande emoção editado pela gloriosa marca da

Paramount Aircraft Picture



No mesmo programma -- Dois novos episodios do empolgante film em serie da Universal:

**A RAINHA DOS BRILHANTES**

15ª e 16ª episodios.

Para complemento:

Figura 9 - Anúncio de peça teatral no "Royal Theatre". *Folha da Noite*, 31 de março de 1922.

Na edição 25, por exemplo, uma nota – “Livros e Revistas”<sup>60</sup> – comenta

<sup>60</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 19.03.1921, p. 3

sobre o lançamento de um livro, “No caminho da luz” da autora Josephina Sarmiento Barbosa. A nota comenta uma crítica favorável do escrito Monteiro Lobato em relação à obra: “Este [o livro] é mais um filiado ao gênero feminino por excelência”. Um comentário favorável mas que deixa, de certa forma, uma segregação quanto a produção feminina em relação à masculina – como se casos como esses fossem raras exceções. Josephina foi uma figura importante na trajetória das mulheres brasileiras que lutaram por mais direitos. Seu irmão, Antonio Sarmiento, fora direto do Diário de Campinas e a convite do mesmo, começou a trabalhar no jornal. Josephina Barbosa foi um dos símbolos na luta pelo voto feminino no Brasil e também impulsionou a participação das mulheres no mundo jornalístico.

Nas representações artísticas, as descrições rendiam adjetivos como “talentosa”, “grande artista”. Outras profissões de prestígio também eram exaltadas quando bem executadas por mulheres, como na edição 47, com a nota “Sobre os Andes”<sup>61</sup>, em que trata dos feitos da astronauta Aurieme Rolland: “acaba de realizar mais uma de suas audaciosas aspirações de aeronauta”; “É natural o desejo que temos de aplaudi-la. Ela é uma das figuras femininas mais atraentes e ruidosas da aviação francesa”.

Durante a análise, inclusive, uma das únicas entrevistas encontradas – o modelo de texto jornalístico ainda não era frequentemente usado pelo jornal – fora com uma atriz, Nina Sanzi, e assinada por Edgard Braga, que descreve Nina como do “tipo galante parisiense vestida pelo último figurino de Jenny”<sup>62</sup>.

Como se vê, a mulher que tinha uma vida dentro da arte era vista com bons olhos, pelo menos sob o ponto de vista que o jornal transparece. Mas, se avaliarmos mais a fundo, essas mulheres exerciam, na verdade, os papéis aceitos pela sociedade – incluindo delicadeza, paciência, criatividade e, no “pior” dos casos, submissão ao homem.

---

<sup>61</sup> *Folha da Noite*, São Paulo: 15.04.1921, p. 5; **Josephina Robledo**. No Mundo da Arte. *Folha da Noite*, São Paulo: 20.01.1923, p. 1/ 25.01.1923, p. 5; **Carmem Braga**. No Mundo da Arte. *Folha da Noite*, São Paulo: 17.03.1923, p. 8; **Mme. Julia Bensaude**, Cleomenes Campos. No Mundo da Arte. *Folha da Noite*, São Paulo: 16.06.1923, p. 2; **Magdalena Tagliaferro**. No Mundo da Arte. *Folha da Noite*, São Paulo: 10.08.1923, p. 5; **Angela Vargas**. No Mundo da Arte. *Folha da Noite*, São Paulo: 04.10.1923; **Theatros**. Diversões. *Folha da Noite*, São Paulo: 20.11.1923, p. 5; **A Arte em S. Paulo**. *Folha da Noite*, São Paulo: 02.09.1924, p. 1.

<sup>62</sup> **Nina Sanzi e o Theatro de Comédia Brasileira – uma entrevista para Folha da Noite**, Edgard Braga. Vida Artística. *Folha da Noite*, São Paulo: 13.06.1923, p. 5.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender e pesquisar o passado é essencial para se compreender o presente. Esta pesquisa partiu da tentativa de traçar um panorama sobre os primeiros anos do século XX em relação à imprensa e aos valores culturalmente estabelecidos sobre as mulheres. Atualmente, a mulher desfruta de muitos avanços em relação aos seus direitos, mas há muito que progredir – e muitas das barreiras encontradas hoje possuem sua base no passado. Compreender e interpretar esse cenário significa buscar alternativas para problemas atuais.

Durante todo o período da pesquisa, foi possível colher e analisar os conteúdos a respeito da mulher e o universo feminino do início do século XX a partir das edições da *Folha da Noite* entre 1921 e 1925. O levantamento e a discussão bibliográfica firmaram-se em temas relacionados à história da mulher no Brasil; história da imprensa, especialmente no Brasil e em São Paulo; aspectos socioculturais do período; discussões a cerca de gênero e identidade e a relação entre a imprensa e a sociedade.

A representação da mulher durante o período analisado contém, de fato, algumas contradições em sua abordagens. Porém, esse contraste faz parte, de certa forma, do cenário e contexto em que o jornal estava inserido. Alguns temas não identificados ao longo da primeira etapa de análises, como sobre a mulher operária e a influência da religião, puderam ser contemplados – ainda que minimamente – mais ao final. Fato que demonstra tanto a característica dinâmica do período quanto do próprio jornal, em refletir tal progressão.

A análise das edições da *Folha da Noite* pôde revelar certos aspectos a respeito da mulher no início do século XX. Dada a representação nas páginas do jornal, podemos imaginar o universo feminino cerceado por ambiguidades advindas do próprio contexto social/cultural/histórico: a mulher dentro do espaço privado do lar e, em contrapartida, sua emancipação no espaço público.

O trabalho manual de verificar e analisar página por página ao longo desses primeiros cinco anos de circulação do jornal foi, sem dúvida, cansativo. Porém, não mais chocante e do que se deparar com notícias atuais muito

parecidas com as do início do século estudado.

Percebemos, durante a pesquisa, certa indeterminação sobre a consolidação da Folha na criação de um perfil exclusivamente conservador ou moderno, o que deu ao jornal e a nossa análise uma ampla paisagem de interpretações – ora trazendo conceitos pré-estabelecidos, ora surpreendendo com abordagens independentes e, porque não, inusitadas, baseadas, conjuntamente, na leitura de obras que contribuíram para dar base teórica aos resultados.

A beleza, a moda, o universo doméstico – tópicos que foram encontrados em demasia - ajudaram a entender, de maneira geral, como a mulher estava estabelecida na sociedade antes dos anos 1920. A valorização da vida artística, o reconhecimento de algumas atitudes e conquistas dos movimentos feministas e até mesmo novas modas e tendências contribuíram na percepção e compreensão de como o cenário anterior, ainda que muito glorificado, estava perdendo suas tão longas raízes.

Toda essa conjuntura abordada pela pesquisa tem grande importância não só na tentativa de compreender e definir a mulher moderna, mas também para entender como a imprensa da época, constituída em sua maioria por homens, retratava a figura feminina e, de certa forma, ajudava a defini-la. Tudo isso considerando o papel pedagógico da imprensa, também formadora de opinião, que a concretiza como um meio fundamental no processo de identificação cultural.

Isso significa entender não só a mulher moderna, mas também os mecanismos utilizados pela imprensa da época para veicular a imagem feminina – um processo importante somado à igual importância do período contemplado e do veículo escolhido para tal análise e estudo.

Toda a pesquisa, portanto, contribuiu ao entendimento a respeito da articulação entre o cenário histórico pelo qual tanto o jornal como as mulheres estavam inseridos, além da relação da imprensa e a cultura: na transmissão de valores, normas e hábitos aceitos socialmente. Ou seja: entender, de certa forma, a maneira incisiva da mídia sobre os costumes e tradições do homem.

Essa representação também traz mais duas características importantes: a mulher, apesar de todas as conquistas que começam a surgir, era retratada sob os olhos masculinos que predominavam na imprensa do início do século

XX – fato que sugere muito além do exercício da mídia sobre a imagem criada, mas, também, sobre a dinâmica social e as relações de gênero entre homens e mulheres. Além disso, mostra sobretudo que, apesar de se classificar como um jornal “do povo”, a *Folha da Noite* representava um viés bem diferente - representava a classe média/alta paulistana. Seus direcionamentos estão inclinados muito mais a preocupação com aspectos urbanos a que, exatamente, a representação e à tentativa de dar a voz às classes mais baixas.

De forma bastante recorrente, então, a *Folha da Noite* deixou claro em suas páginas o conceito conservador a respeito da mulher à época – mãe, esposa, dona de casa, preocupada com a beleza, o corpo – nos conselhos e dicas trazidos pela seção *Figurinos*, nos anúncios de remédios para crianças, cosméticos, etc. Ao mesmo tempo que, e em contrapartida, as mesmas páginas abrem uma modesta lacuna para novas visões, novos conceitos estéticos, novas modas - a mulher dos anos 1920 começava a se conhecer melhor, a procurar por um espaço além do doméstico, a se desprender das modas conservadoras e se permitir mais do que os rígidos padrões impostos.

Em suma, a pesquisa a respeito da representação da mulher do século XX pela *Folha da Noite* transforma-se em muito mais do que uma simples delimitação de um ator social – a mulher – mas sim de toda uma sociedade e da realidade que a cerca, a qual prenuncia a própria sociedade e realidade atual.

Como parte da construção da trajetória histórica de uma parte importante do jornalismo brasileiro e, ainda, tratando-se de um dos veículos de grande influência, esta pesquisa ajuda a compreender – além dos assuntos relacionados ao universo feminino – a consolidação de uma imprensa persuasiva e extremamente perspicaz, independente de seu direcionamento – fato que nos acompanha até os dias atuais.

Todo o trabalho e dedicação que esta pesquisa envolveu em seu percurso – além dos frutos que rendeu – são extremamente gratificantes e enriquecedores, o que nos oferece grande disposição para continuar buscando novas discussões sobre o jornalismo e sua representação da mulher e as relações de gênero. Dentro dessa perspectiva crítica e histórica, desenrolar esta pesquisa e procurar obter um panorama maior é viável e pode dar condições a estudos futuros a respeito deste tema.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Historia Cultural da Imprensa, Brasil: 1900 – 2000**. Rio de Janeiro, Mauad, 2007.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança. **Temas psicologia**. [online]. 1997, vol.5, n.3, pp. 33-49.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e Rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Set-Dez 2000. Vol. 16. Nº 3, pp. 233-239.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel**. A representação da Mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BUTLER, Judith p. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Raquel Discini de. **Mulheres e crianças na imprensa paulista, (1920 - 1940): educação e história**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CAMPOS, Raquel Discini. Bom gosto e justa medida: ideais de feminilidade no discurso dos jornais da Araraquarense (1920-1940). **Anais dos IV Congresso Brasileiro de História da Educação**, Goiânia, 2006.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920 - 1945). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 12, n. 23/24, p. 55-75, set. 1991 - ago. 1992.

CAPELATO, Maria Helena Rolim, & MOTA, Carlos Guilherme. **História da**

**Folha de S. Paulo.** São Paulo: IMPRES - Companhia Brasileira de Impressão e Propaganda, 1981.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lúcia. **O Bravo Matutino:** imprensa e ideologia no jornal. O Estado de S. Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CARVALHO, Kátia de. A Imprensa Feminina no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural. **Ciência da Informação.** Vol.24. 1995.

CONTANDA, Fernando Coutinho. A sociedade no século XX. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais.** Volume 1, Nº 2. Dezembro, 2009.

COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel:** escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos Estudos Feministas: Perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. **Uma questão de Gênero/** Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, - Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 39-53.

FAUSTO, Boris. **Historia do Brasil.** 2. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

GROSSI, Miriam Pilar. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Disponível em: <[http://joomla.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec\\_mulher/cap\\_acitacao\\_rede%20modulo\\_2/grossi\\_miriam\\_identidade\\_de\\_genero\\_e\\_sexualidade.pdf](http://joomla.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_mulher/cap_acitacao_rede%20modulo_2/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf)> Acesso em: agosto de 2014.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando?. **Sexualidade, Gênero e Sociedade.** Ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.

KAZ, Leonel. Um olhar sobre elas, as revistas. Mulheres em Revista: O jornalismo feminino no Brasil. **Caderno de Comunicação**. Secretaria Especial de Comunicação Social da prefeitura do Rio de Janeiro, 2002. (internet)

LOBATO, Mayara Luma Maia. A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX. **9 ° Encontro Nacional de História**. 2013, Minas Gerais. Disponível em: <  
<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-trajetoria-do-feminino-na-imprensa-brasileira-o-jornalismo-de-revista-e-a-mulher-do-seculo-xx>>. Acesso em: 05 set. 2016.

MALUF, Mariana. & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 368-421, 1998.

MARTINS, Paulo Emílio Matos & PIERANTI, Octavio Penna. Nelson Werneck Sodré e “História da Imprensa no Brasil”: uma análise da relação entre Estado e meios de comunicação de massa. **Anais do INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Brasília, 2006.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, pp. 29 – 35, 1997.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, pp. 37 – 47, 1997.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Raquel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: v. 27, nº 54, pp. 281 – 300, 2007.

PINTO, Ana Estela de Souza. **Folha pela Folha**. São Paulo: Publifolha, 2012.

RAGO, Margareth. A Colonização da Mulher. **Do cabaré ao lar: a utopia da**

**cidade disciplinar: Brasil 1890 - 1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 61 – 116, 1985.

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1920.** 3.ed. São Paulo. Memórias. 2010.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Rearticulando Gênero e Classe Social. **Uma questão de Gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 183-215.

SANT'ANNA, Denise B. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: Frangmentos para uma História do Corpo no Brasil. **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, pp. 121-139, 1995.

SANTOS, Lincoln de Araújo. O Brasil Republicano e a Breve década de 20. **Revista eletrônica da Faculdade Metodista Granbery.** N. 3, Jul/Dez 2007. (Internet)

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre: vol. 20, nº 2, jul./dez., pp. 7 -99, 1995.

SODRÉ, Nelson. Werneck. **A História da Imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. **Uma questão de Gênero/** Albertina de Oliveira Costa, Cristina Bruschini, - Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 15-23.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Insular, 2004.